

LIVRO DE JUDITE

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de julho de 2026

INTRODUÇÃO

Texto e contexto

O livro de Judite apresenta-se sob a forma de uma novela de tempos de guerra. O nome da protagonista significa, literalmente, “a judia”. Trata-se de uma viúva jovem, rica e bela, que salvará o povo da ameaça do terrível Holofernes, general supremo do exército assírio, diante da inércia e do derrotismo dos chefes de Israel.

Pelo seu nome, mas também pela sua condição feminina, que na época era sinónimo de inferioridade e fraqueza, Judite representa o povo de Israel. O seu destino entrelaça-se com o do povo até formar uma só vida, como canta o hino do cap. 16: *Disse que incendiaria o meu território (...) Mas o Senhor Omnipotente repeliu-os pela mão de uma mulher (...) Judite, filha de Merari, (...) Despojou-se das suas vestes de viúva para exaltação dos oprimidos em Israel (16,4-7.11)*. Na sua façanha de sedução e engano, que resulta no homicídio do inimigo, num quadro de rigorosa observância da lei judaica, Judite coloca-se na esteira de outras grandes mulheres do AT, judias ou pagãs, cuja atitude moral nem sempre é louvável, ainda que efetiva: Tamar (Gn 38), Jael (Jz 4), Dalila (Jz 16) e Abigail (1Sm 25).

Por outro lado, o texto transparece uma certa proximidade do estilo apocalíptico de Daniel, Ezequiel e Joel. Curiosamente, a planície de Esdremon (1,8; 3,9; 4,6; 7,3), onde se desenvolve grande parte da ação, é geograficamente próxima da planície do *Harmaguédon* (Armagedão), onde o Apocalipse (16,16) situa a luta escatológica.

O texto hebraico original perdeu-se e as versões mais antigas do texto que chegaram até nós são em língua grega, a partir das quais foi feita a tradução.

Teologia

A ideia de fundo que o livro transmite surge nos discursos de Aquior e de Judite (5,20s; 11,9-11); de facto, ambos afirmam que, enquanto permanecer fiel a Deus, Israel não corre perigo. Por outro lado, aqueles que se revoltam contra Deus e contra o seu povo não ficarão impunes. Por isso, Judite conclui o seu cântico dizendo: *Ai das nações que se levantarem contra a minha gente!* (16,17). Com efeito, a arrogância e as blasfémias de Holofernes e Nabucodonosor parecem reclamar o castigo divino que Isaías tinha decretado contra o rei da Assíria, que teve de voltar ao seu país derrotado e sem expugnar Jerusalém (2Rs 19,20-28.32-34; Is 37,23-29.33-35). A lógica divina é sublime e, por isso, a salvação não depende da força humana (Jdt 16,3.6), mas da intervenção do Senhor, que é grande, glorioso e invencível (16,13) e que *esmaga as guerras* (16,2).

Por outro lado, o relato está cheio de contrastes irónicos, que revelam o paradoxo da intervenção divina na história: o pequeno e insignificante povo de Israel ousa opor-se ao exército enviado por Nabucodonosor, quando a potente cidade de

Ecbátana e seu rei Arfaxad não conseguiram resistir-lhe (1,1-6); quem profetiza a derrota de Holofernes (5,5-21) é um estrangeiro, o amonita Aquir, que, no fim, se agrega ao povo de Israel (14,5-10); um exército incontável (2,20) é vencido por um só indivíduo que decapita o seu general supremo (13,8); esse indivíduo não é um soldado, nem sequer é um homem, mas uma mulher (13,15.18; 14,18; 16,5), viúva e observante dos preceitos da Lei (8,31; 11,17); e, finalmente, a salvação da cidade de Jerusalém, capital de Judá e, noutros tempos, de todo o reino, vem de uma insignificante cidade da Samaria, Betúlia.

Autor e data

O livro de Judite contém inúmeras imprecisões históricas. Logo no primeiro versículo, afirma que Nabucodonosor *reinou sobre os assírios em Nínive, a grande cidade*. Porém, Nínive tinha já sido destruída por seu pai, Nabopolassar, enquanto Nabucodonosor, rei dos babilônios, tinha o seu trono em Babilónia, estando os assírios submetidos a ele. Além disso, não há notícia de que tenha entrado em guerra com os medos e, portanto, não houve nenhuma batalha em Ecbátana contra Arfaxad. Porém, a contradição histórica mais relevante ocorre em 4,3e 5,19, onde se relata o regresso dos judeus a Jerusalém e a purificação do templo após a profanação. De facto, tudo isso aconteceu após o édito de Ciro (c. 538a.C.), no fim do exílio, e não na iminência do exílio (c. 587a.C.), que é o contexto no qual o livro de Judite pretende inserir-se.

Por outro lado, embora o livro contenha nomes persas, como Holofernes ou Bagoas, relata ainda assim hábitos gregos (3,7s; 15,13); esta mistura de referências culturais, unida à temática da profanação e da luta pela defesa do povo e da fé, leva a considerar que o cenário histórico e geográfico mais provável para a redação do livro de Judite seja a Palestina do séc. II a.C., no contexto de exaltação religiosa e nacionalista dos macabeus.

Estrutura

Campanha de Holofernes (1,1 – 7,32)

Intervenção de Judite (8,1–15,7)

Reconhecimento de Judite (15,8 – 16,25)

CAMPANHA DE HOLOFERNES (1,1–7,32)

1 Guerra entre Nabucodonosor e Arfaxad

1 ¹No décimo segundo ano do reinado de Nabucodonosor^a, que reinou sobre os assírios em Nínive, a grande cidade, nos dias de Arfaxad, que reinou sobre os medos em Ecbátana, ²este último^b construiu à volta de Ecbátana uma muralha com pedra lavrada de três côvados^c de largura e seis côvados de comprimento; a altura da muralha era de setenta côvados e a largura de cinquenta côvados. ³Às suas portas estabeleceu torres de cem côvados, com fundações de sessenta côvados de largura; ⁴construiu as suas portas com uma altura de setenta côvados e quarenta côvados de largura, para a saída do seu poderoso exército e da infantaria em formação. ⁵Naqueles dias, o rei Nabucodonosor entrou em guerra contra o rei Arfaxad na grande planície, isto é, na planície que se situa na região de Ragau^d. ⁶Associaram-se a ele todos os habitantes das montanhas^e e todos os habitantes das margens^f do Eufrates, do Tigre e do Hidaspes e da planície de Arioc, rei dos elamitas. Foram, pois, muitas as nações que se juntaram às fileiras dos filhos de Queleud^g.

⁷Então Nabucodonosor, rei dos assírios, enviou mensageiros^h a todos os habitantes da Pérsia e a todos os habitantes do Ocidente, aos habitantes da Cilícia e de Damasco, do Líbano e do Anti-Líbano e a todos os habitantes da região costeira; ⁸aos que viviam entre os povos do Carmelo e de Guilead, aos da alta Galiléia e da grande planície de Esdremon; ⁹a todos os que viviamⁱ na Samaria e suas cidades, no além-Jor-

^a Nabucodonosor II (605-562 a.C.) destruiu Jerusalém no 587 a.C. e levou os judeus ao cativeiro em Babilónia. O décimo segundo ano do seu reinado corresponde a 593–92 a.C. O nome Arfaxad não corresponde a nenhum rei conhecido dos medos, mas talvez se refira a Fraorte (675-653 a.C.), cuja capital era Ecbátana (cf. 2Mac 9,3 nota). Porém, estes dois reis eram aliados e nunca entraram em guerra. Nabucodonosor é representado neste *incipit* como a suma da arrogância e do poder humanos. Chamar-lhe *rei dos assírios* pode ser apenas uma referência à crueldade que era apanágio deste povo (cf. introdução).

^b *Este último* é acrescento da tradução.

^c Um côvado (distância que vai do cotovelo à ponta dos dedos) corresponde a c. 50 cm.

^d A lista de territórios nestes vv. não obedece a uma lógica rigorosa, combinando nações, cidades, cadeias montanhosas e zonas costeiras. O propósito é retórico: evocar a vastidão do mundo conhecido e a amplitude das ambições de Nabucodonosor. O cenário inicial situa-se na zona oriental do Médio Oriente: a planície de Ragau fica nos arredores de Teerão; o Eufrates e o Tigre são os grandes rios da Mesopotâmia; o Hidaspes é um rio da Índia e do Paquistão (atual Jhelum), evocando os confins orientais do mundo. A partir do v.7, o olhar desloca-se para ocidente: a Cilícia é a região costeira do sudeste da Anatólia; Damasco, o Líbano e o Anti-Líbano situam-se na Síria e no atual Líbano. A lista prossegue em sentido descendente pela Terra de Israel – Carmelo, Galileia, planície de Esdremon, Samaria, Transjordânia, Jerusalém – até às cidades do delta egípcio (Táfnis, Ramsés, Tânis, Mênfis) e às fronteiras da Etiópia.

^e Ou seja, das regiões altas do Irão ocidental.

^f *Das margens* é acrescento da tradução.

^g Nome que designa provavelmente os caldeus, que, em 5,6s, são designados com uma palavra diferente, embora da mesma raiz.

^h *Mensageiros* é acrescento da tradução.

ⁱ *Que viviam* é acrescento da tradução.

dão até Jerusalém, Batane, Quelus e Cadés, ao rio do Egito, Táfnis, Ramsés e toda a terra de Góchen,¹⁰ chegando além de Tânis e de Mênfis, a todos os habitantes do Egito, até às fronteiras da Etiópia.¹¹ Mas todos os habitantes da terra desprezaram a palavra de Nabucodonosor, rei dos assírios, e não se juntaram a ele na guerra, pois não o temiam e consideravam-no como outro homem qualquer^a, pelo que recambiaram os seus mensageiros de mãos vazias e envergonhados^b.¹² Então, Nabucodonosor encheu-se de cólera^c contra todos aqueles territórios e jurou, pelo seu trono e pelo seu reino, vingar-se de toda a região da Cilícia, de Damasco e da Síria, matando-os à espada, bem como a todos os habitantes da terra de Moab, aos amonitas^d, a toda a Judeia, e a todos os que viviam^e no Egito até ao limite dos dois mares^f.

Campanha contra Arfaxad

¹³Marchou, então, com o seu exército contra o rei Arfaxad, no décimo sétimo ano, e, na batalha, prevaleceu sobre ele, esmagando todo o exército de Arfaxad, toda a sua cavalaria e todos os seus carros.¹⁴ Tornou-se senhor das suas cidades e chegou até Ecbátana, apoderou-se das suas torres, saqueou as suas praças e transformou o seu esplendor numa humilhação^g.¹⁵ Depois, capturou Arfaxad nas montanhas de Ragau, trespassou-o com as suas lanças e exterminou-o para sempre^h.¹⁶ Regressou, então, a Níniveⁱ com as suas hostes^j e toda uma imensa multidão de soldados^k que se tinha juntado a ele. Despreocupado, por lá se banqueteceu, ele e as suas tropas, durante cento e vinte dias.

2 Campanha contra as nações ocidentais

¹No décimo oitavo ano^l, no dia vinte e dois do primeiro mês, tiveram lugar conversações no palácio de Nabucodonosor, rei dos assírios, no sentido de levar a

^a Isto é, negavam-lhe o pretenoso carácter divino.

^b Lit.: *mas era diante deles como um [simples] homem, e devolveram os mensageiros dele vazios em desonra do rosto deles.*

^c Lit.: *encolerizou-se muito.*

^d Lit.: *filhos de Amon. Filhos de* é uma expressão semita para designar os membros de um povo, pelo que a tradução opta sempre pela forma adjectival do gentílico, exceto na expressão *filhos de Israel*.

^e *Que viviam* é acrescento da tradução.

^f No v.12, a geografia reorganiza-se como mapa de vingança: Cilícia, Síria, Moab, Amon e Judeia traçam um arco que vai do norte da Síria até à Terra Santa, enquanto *os dois mares* designam provavelmente o Mediterrâneo e o Mar Vermelho, delimitando toda a zona mediterrânica oriental. A geografia serve, pois, para mostrar que nenhuma região do mundo conhecido escapará à fúria de Nabucodonosor.

^g Lit.: *e o seu adorno pôs para sua humilhação.*

^h Lit.: *até aquele dia.*

ⁱ *A Nínive* é acrescento da tradução, de acordo com alguns mss.

^j Lit.: *ele com eles.*

^k Lit.: *homens guerreiros.*

^l Nabucodonosor é agora apresentado como um rei caprichoso e vingativo, cujo discurso em 2,5-13 assume epítetos e expressões que apontam para alguém com pretensões divinas, hipótese confirmada em 3,8. O décimo oitavo ano de Nabucodonosor, referido no v.1, corresponde ao ano da segunda deportação para a Babilónia (Jr 52,29), ou seja, 587–586 a.C.; segundo Jr 52,12, no ano seguinte,

cabo a vingança contra todos aqueles territórios, tal como ele tinha dito^m. ²Convocou todos os seus ministros e todos os seus dignitários, e teve com eles uma reunião secreta, onde, pela sua própria boca, ultimou um plano para levar à completa desgraça aqueles territóriosⁿ. ³Decidiram, pois, exterminar todos aqueles que não tinham obedecido às suas ordens^o.

⁴Quando^p terminou a reunião, Nabucodonosor, rei dos assírios, chamou Holofernes^q, comandante supremo do seu exército, que era a segunda pessoa do reino depois dele, e disse-lhe: ⁵«Assim fala o grande rei, o senhor de toda a terra! Saindo da minha presença, tu^r tomarás contigo homens de valentia comprovada^s, uns cento e vinte mil soldados^t de infantaria e um contingente de cavalaria de doze mil cavaleiros; ⁶partirás ao encontro de todos os territórios do Ocidente, porque desobedeceram às minhas ordens^u. ⁷Dir-lhes-ás que preparem terra e água^v, porque partirei contra eles na minha cólera. Cobrirei toda a face da terra com os pés do meu exército e entregá-los-ei para que sejam saqueados. ⁸Os seus feridos encherão os seus vales, e todas as nascentes e rios ficarão cheios com os seus cadáveres, até transbordar; ⁹e eu os levarei em cativo para os confins da terra. ¹⁰Quanto a ti, parte e conquista-me toda a sua região. Os que se entregarem a ti, conserva-mos para o dia do seu castigo. ¹¹Quanto aos que resistirem, não os perderás de vista^w até os entregar à morte e à pilhagem por todo o território^x. ¹²Porque eu juro pela minha vida e pelo poder do meu reino que farei por minha própria mão aquilo que disse. ¹³Mas tu não descures nem uma só das palavras do teu senhor; cumpre exatamente o que te ordenei e não te demores a pô-lo em prática».

¹⁴Holofernes saiu da presença do seu senhor e convocou todos os seus líderes, comandantes e chefes do exército assírio. ¹⁵Selecionou os melhores homens^y para o contingente, conforme lhe ordenara o seu senhor: cento e vinte mil soldados de

ocorreu a destruição de Jerusalém. Talvez o autor de Judite pretendesse assim purificar a memória dessa data trágica com um relato vitorioso a favor do povo de Israel. Todo este cap. segue o modelo das grandes campanhas militares dos impérios da época assíria, babilónica, persa e grega contra os povos vizinhos. A lista das cidades mistura lugares conhecidos com nomes que não correspondem a nenhum vestígio histórico ou arqueológico, mas, sobretudo, exprime a extensão do império desde o norte da Mesopotâmia (Nínive) até ao Mediterrâneo (Sídon, Tiro e Ascalon).

^m Lit.: [para] vingar toda a terra como falou.

ⁿ Lit.: e concluiu todo o malefício da terra a partir da sua boca.

^o Lit.: toda a carne os que não tinham seguido pela palavra da sua boca.

^p O grego antepõe e aconteceu.

^q Nome de origem persa, surpreendente num oficial assírio.

^r Lit.: eis que tu sairás do meu rosto.

^s Lit.: confiantes na sua força.

^t Soldados é acrescento da tradução.

^u Lit.: à palavra da minha boca.

^v Terra e água é uma expressão técnica da linguagem militar persa que significa espaço e alimentos para o exército.

^w Lit.: o teu olho não [os] poupará.

^x O grego acrescenta de ti.

^y Lit.: contou homens escolhidos.

infantaria^a e a cavalaria com doze mil arqueiros,¹⁶ e dispô-los como é costume organizar um grande exército para a guerra^b.¹⁷ Tomou, então, um enorme número de camelos, jumentos e mulas para transportar^c as bagagens^d, um número incontável de ovelhas, bois e cabritos como provisões,¹⁸ rações abundantes para cada homem, bem como uma grande quantidade de ouro e prata do palácio real.¹⁹ Partiu, pois, com todo o seu exército, numa expedição prévia à passagem do rei Nabucodonosor, para cobrir toda a face da terra a ocidente com os seus carros, cavaleiros e infantaria selecionada.

²⁰Juntamente com eles foi uma multidão numerosa como gafanhotos e como a areia da terra; era, de facto, uma multidão incontável.²¹ Partiram de Nínive e marcharam durante três dias em direção à planície de Bectilet e, de Bectilet, foram acampar perto da montanha que está à esquerda da alta Cilícia.²² Depois, Holofernes^e tomou todo o seu exército, a sua infantaria, a sua cavalaria e os seus carros, e partiu daí para as montanhas.²³ Devastou Pud e Lud e saqueou todo o povo de Rássis, bem como os ismaelitas que habitavam junto ao deserto, a sul do Queléon^f.²⁴ Passou o Eufrates, atravessou a Mesopotâmia e arrasou todas as cidades fortificadas nas margens da torrente de Abrona até chegar ao mar.²⁵ Apoderou-se da região da Cilícia, exterminou todos aqueles que lhe ofereceram resistência e avançou até à região sul de Jafet, diante da Arábia.²⁶ Cercou todos os medianitas, incendiou as suas tendas e saqueou os seus estábulos.²⁷ Desceu até à planície de Damasco, durante os dias da ceifa, incendiou todos os seus campos, exterminou^g rebanhos e manadas, saqueou as suas cidades, devastou as suas plantações^h e passou todos os seus jovens ao fio da espadaⁱ.²⁸ Caiu um grande medo^j dele sobre os habitantes da zona costeira, que viviam em Sídon e em Tiro, os habitantes de Sur e Oquina e todos os que habitavam em Jâmnia; também os habitantes de Azoto^k e Ascalon tinham um imenso medo dele.

^a *Soldados de infantaria* é acrescento da tradução.

^b Lit.: *segundo o modo como se organiza uma multidão de guerra*.

^c *Transportar* é acrescento da tradução.

^d O grego acrescenta *deles*.

^e *Holofernes* é acrescento da tradução.

^f Local desconhecido. Quanto a Pud, trata-se de um povo da Líbia, enquanto Lud pode designar tanto um povo do Norte de África como a Lídia, na Ásia Menor. Os ismaelitas eram uma tribo nómada do deserto da Síria, a norte do Deserto da Arábia. Quanto ao *povo de Rássis* desconhece-se a que se refere a expressão.

^g Lit.: *deu para extermínio*.

^h Lit.: *planícies*.

ⁱ O itinerário percorrido (vv.21–27) é geograficamente incoerente: o exército atravessa a Cilícia, a Mesopotâmia e Damasco numa sequência que implica retrocessos e travessias múltiplas, em tempo implausível. Esta «pseudo-geografia» serve o propósito de impressionar o leitor com a vastidão das conquistas e não corresponde a um registo histórico rigoroso.

^j Lit.: *medo e tremor*.

^k A partir do v.28, a geografia torna-se mais reconhecível e verosímil: Sídon, Tiro, Jâmnia (Jabneh), Azoto (provavelmente Ashdod) e Ascalon são cidades costeiras conhecidas, enumeradas de norte para sul. Sur e Oquina são de difícil identificação.

3 **Rendição voluntária das nações ocidentais**

¹Enviaram-lhe, então, mensageiros com propostas de paz^l, dizendo: ²«Eis que nós, servos do grande rei Nabucodonosor, estamos à tua disposição. Faz de nós conforme for do teu agrado^m. ³As nossas casasⁿ e todo o nosso território, todos os campos de trigo, os rebanhos e manadas, assim como todos os estábulos dos nossos acampamentos estão à tua disposição^o; faz com eles o que te agradar. ⁴Também as nossas cidades e os que nelas habitam são teus servos; vem e trata-as como melhor te pareça^p».

⁵Os homens apresentaram-se a Holofernes e comunicaram-lhe estas palavras. ⁶Ele desceu, então, para a zona costeira, juntamente com o seu exército, e estabeleceu guarnições nas cidades fortificadas, tomando delas alguns homens escolhidos como tropa auxiliar. ⁷Os habitantes^q, tal como todas as regiões em redor, receberam-no com coroas, danças e tamborins. ⁸Mas ele arrasou todos os seus territórios^r e cortou as suas árvores sagradas, pois tinha-lhe sido ordenado que destruísse todos os deuses da terra, para que todas as nações adorassem unicamente a Nabucodonosor, e todas as línguas e as suas tribos o invocassem como deus. ⁹Depois avançou até Esdrelon^s, perto de Dotaim, que fica diante da grande serra da Judeia. ¹⁰Acamparam entre Gueba e Citópolis^t e ficou lá um mês, a fim de reunir provisões para o seu exército.

4 **Reação dos israelitas à proximidade de Holofernes**

¹Os filhos de Israel que habitavam em toda a Judeia ouviram falar de tudo o que Holofernes, comandante supremo de Nabucodonosor, rei dos assírios, fizera às outras^u nações e a maneira como saqueara todos os seus templos e os tinha destruído^v e ficaram completamente aterrorizados com a sua chegada^w, consternados por

^l Lit.: *com palavras pacíficas*. Alguns povos submetem-se voluntariamente ao exército babilónio, mas o povo de Israel não aceitará a pretensão, expressa no v.8. A exigência de exclusividade do culto do rei (normalmente, tratava-se apenas de acrescentar o culto do novo soberano) não tem um paralelo histórico rigoroso.

^m Lit.: *estamos diante de ti. Usa-nos conforme é agradável ao teu rosto*.

ⁿ O grego antepõe *eis que*, tal como no v.4.

^o Lit.: *estão diante do teu rosto*.

^p Lit.: *vindo encontra-os como é bom em teus olhos*.

^q Lit.: *eles*.

^r A versão síriaca apresenta «templos», o que, no contexto, faria mais sentido.

^s Esdrelon é um campo de batalha importante na história de Israel (cf. Jz 5,19–20; 2Rs 23,29), paralela à planície do *Harmaguédon* (Armagedão), onde o Ap 16,16 situa a luta escatológica. A sua menção antecipa, de forma irônica, a futura derrota de Holofernes – um novo Sísera (cf. Jz 4–5). Já Dotaim (cf. Gn 37,17; 2Rs 6,13) é identificado com Tel Dothan, cerca de 22 km a norte de Siquém; o nome aparece sob duas formas gregas distintas no livro de Judite (3,9 e 4,6; 7,3.18; 8,3).

^t Citópolis é Bet-Chan, cidade estratégica no cruzamento do vale de Jizerael com o vale do Jordão (cf. 1Mac 5,52 nota). Quanto a Gueba, o topónimo aparece nos LXX apenas aqui, com grande variação nos mss.; a localização permanece incerta, propondo-se duas hipóteses: ou na região de Samaria ou na do Carmelo.

^u *Outras* é acrescento da tradução.

^v Lit.: *e deu-os para destruição*.

^w Lit.: *e tiveram medo muito muito do rosto dele*.

Jerusalém e pelo santuário do Senhor, seu Deus.³ Tinham regressado havia pouco do cativo e todo o povo se tinha recentemente reagrupado na Judeia; também os utensílios, o altar e o templo, que tinham sido profanados^a, tinham sido recentemente consagrados.⁴ Por isso, enviaram mensageiros a toda a região da Samaria, Coná, Bet-Horon, Belmaim, Jericó, a Cobá e Aisorá e ao vale de Salém^b.⁵ Preveniram-se, então, ocupando todos os cumes das montanhas mais elevadas, fortificando as povoações ali existentes e armazenando mantimentos como preparação para a guerra, porque os seus campos tinham sido ceifados recentemente.⁶ Joaquim, o sumo sacerdote^c, que por esses dias estava em Jerusalém, escreveu aos habitantes de Betúlia e Betomestaim^d, que fica diante de Esdrelon, em frente da planície junto de Dotaim, dizendo-lhes que ocupassem a encosta das montanhas, porque através dela era a entrada para a Judeia e, assim, era fácil bloqueá-los ao subirem, pois era tão estreita que só podiam passar dois homens de cada vez.

⁸ Os filhos de Israel fizeram conforme lhes tinha ordenado Joaquim, o sumo sacerdote, e o conselho dos anciãos de todo o povo de Israel que tinha sede em Jerusalém.^e ⁹ Todos os homens de Israel clamaram a Deus com grande fervor e humilharam-se diante dele^f com um grande jejum^g. ¹⁰ Eles, as suas mulheres e as suas crianças, os seus animais, todos os estrangeiros, os assalariados e os seus escravos comprados^h cingiram os rins com pano de sacoⁱ. ¹¹ Todos os homens de Israel, assim como todas as mulheres e crianças que habitavam em Jerusalém prostraram-se diante do templo^j, cobriram de cinzas as suas cabeças e estenderam as suas vestes de saco diante

^a Lit.: [depois] da profanação. Apesar de o relato pretender ser de época babilónica, a purificação e consagração do templo só ocorreram em 515 a.C., durante o reinado de Zorobabel. O *depois da profanação* refere-se, provavelmente e mais uma vez, aos factos da época macabaica narrados em 1Mac 4,36-61 e 2Mac 10,1-8, após a profanação executada por Antíoco IV Epífanes. De igual forma, a dimensão político-religiosa do ofício do sumo sacerdote Joaquim (v.6) corresponde à época pós-exílica. Joaquim significa, literalmente, *Deus fortalece*.

^b A lista descreve um cordão de cidades a norte de Jerusalém. Dos lugares mencionados, apenas a Samaria, Bet-Horon (cf. 1Mac 3,16 nota; 7,39) e Jericó (cf. 1Mac 9,50) são identificáveis com segurança; os restantes são de localização incerta ou completamente desconhecidos fora deste livro. A reação do povo de Israel é um misto de prudência humana (vv.4-8) e de fé no auxílio divino (vv.9-15).

^c Lit.: *grande sacerdote* (tal como nos vv.8.14; cf. 1Mac 12,20 nota).

^d Duas localidades provavelmente ficcionadas pelo autor deste texto.

^e Lit.: [aqueles] que se sentavam em Jerusalém.

^f Lit.: *humilharam as suas vidas*.

^g Lit.: *com grande fervor*. Opta-se pela leitura alternativa de alguns mss., que faz mais sentido no contexto.

^h Lit.: *e comprados com prata/dinheiro*.

ⁱ A expressão é uma fórmula fixa da LXX para o gesto de vestir o saco em sinal de luto, angústia ou penitência. O gesto reaparece várias vezes em Judite (4,10-12.14; 8,5; 9,1; 10,3), sendo um sinal da piedade israelita no livro. A combinação de saco e cinzas é bíblica (cf. Jr 6,26; Est 4,1); os três elementos juntos – jejum, saco e cinzas – surgem em Is 58,5; Jn 3,6-8; Dn 9,3 (cf. também 1Mac 3,47; 2Mac 10,25).

^j Lit.: *caíram diante do rosto do templo*. O gesto de estender os sacos – assim como o de cobrir o altar com saco do v. seguinte – não encontra paralelo em nenhum outro texto bíblico ou judaico conhecido. Trata-se provavelmente de práticas litúrgicas em uso no tempo do autor, que as combinou com gestos penitenciais mais antigos e familiares da tradição bíblica.

do Senhor^k. ¹²Revestiram o altar com pano de saco e clamaram fervorosamente e a uma só voz ao Deus de Israel que não permitisse que os seus filhos fossem levados como parte do saque, as suas mulheres como despojos de guerra, ou que as cidades da sua herança fossem destruídas e o seu templo profanado e insultado, tornando-se motivo de escárnio para os pagãos^l. ¹³Então, o Senhor escutou a sua voz e olhou para a sua tribulação, enquanto o povo jejuava intensamente^m em toda a Judeia e em Jerusalém, diante do santuário do Senhor Omnipotente. ¹⁴O sumo sacerdote Joaquim, todos os que ficam diante do Senhor, sacerdotes e os ministros do culto do Senhor, cingindo os rins com pano de saco, ofereciam o holocausto perpétuoⁿ, as orações e as ofertas voluntárias do povo. ¹⁵Tinham deitado cinzas nos seus turbantes e clamavam com toda a força ao Senhor para que visitasse com benevolência toda a casa de Israel.

5 Conselho de guerra de Holofernes e profecia de Aquior

¹Entretanto, informaram Holofernes, comandante supremo do exército assírio, de que os filhos de Israel estavam prontos para a guerra, tendo fechado as estradas das montanhas, fortificado todos os cumes das montanhas mais elevadas e colocado obstáculos nas planícies. ²Ele ficou extremamente furioso^o e convocou todos os príncipes de Moab, os comandantes de Amon^p e todos os sátrapas^q da região costeira, ³e disse-lhes: «Informai-me, filhos de Canaã^r: que povo é este que se estabeleceu nas montanhas? Em que cidades habitam? Qual é o tamanho do seu exército? Em que consistem o seu poder e a sua força? Quem está à sua frente como rei e chefe do seu exército? ⁴E por que razão se recusaram a vir ao meu encontro, ao contrário de todos os habitantes do Ocidente?».

⁵Respondeu-lhe Aquior^s, chefe de todos os amonitas: «Que o meu senhor escute estas palavras da boca do seu servo: vou contar-te a verdade sobre esse povo, que habita nestas montanhas, perto do lugar onde habitas. Nenhuma mentira sairá da

^k Lit.: e estenderam os seus sacos diante do rosto do Senhor.

^l Lit.: para não dar as crianças a pilhagem e as mulheres a despojo e as cidades da sua herança a destruição e as coisas sagradas a profanação e insulto, [como objeto de] escárnio aos pagãos.

^m Lit.: dias cheios.

ⁿ Referência ao sacrifício diário do templo (Ex 29,38-42). Em condições normais, os sacerdotes usavam vestes preciosas; vestirem de saco durante o serviço litúrgico sublinha a gravidade extrema da situação (cf. Jl 1,13).

^o Lit.: foi muito enfurecido por cólera.

^p Moab era o território situado a oriente do Mar Morto, e Amon ficava imediatamente a norte de Moab. Ambos os povos eram inimigos tradicionais de Israel (cf. 2Rs 24,2; Sf 2,8).

^q O termo é de origem persa e designava o governador de uma província do Império Persa (cf. 2Mac 9,25 nota). O seu uso aqui, aplicado num contexto assírio, é anacrónico e constitui mais um indício do colorido helenístico-persa deste livro.

^r Ou seja, *cananeus*. Designação arcaizante e anacrónica para os citados povos vizinhos de Israel, tratados como habitantes ancestrais da terra conquistada pelos israelitas.

^s O discurso de Aquior (vv.5-21) é uma longa exposição histórico-teológica que exprime a principal tese do livro: se Israel for fiel a Deus, será invencível e não deve temer nenhum perigo (vv.20s). O nome significa em hebraico *o meu irmão [é] luz*; a representação positiva de um amonita é surpreendente, embora Aquior acabe por se converter ao judaísmo no cap. 14.

boca do teu servo.⁶ Esse povo é descendente dos caldeus^a.⁷ Primeiro, emigraram para a Mesopotâmia, porque não queriam seguir os deuses dos seus pais, que viveram na terra dos caldeus.⁸ Abandonaram o caminho dos seus antepassados e adoraram o Deus do céu^b, que eles reconheceram como Deus. Foram, então, banidos da presença daqueles deuses^c e foram para a Mesopotâmia, onde residiram durante muito tempo^d.⁹ Mas o seu Deus disse-lhes que saíssem do lugar onde viviam^e e fossem para Canaã. Ali se estabeleceram e enriqueceram muito em ouro, prata e numerosos rebanhos.

¹⁰ Desceram depois ao Egito, porque a fome tinha coberto a face da terra de Canaã, e lá viveram como emigrantes enquanto encontraram sustento. Ali se tornaram uma grande multidão; a sua descendência era incontável.¹¹ Mas o rei do Egito voltou-se contra eles e, enganando-os, submeteu-os a trabalhos forçados e ao fabrico de tijolos, humilhou-os e fez deles escravos^f.¹² Então, clamaram ao seu Deus, e Ele atingiu toda a terra do Egito com pragas, para as quais não havia remédio. Por isso, os egípcios expulsaram-nos da sua presença.¹³ Deus secou o Mar Vermelho diante deles,¹⁴ conduziu-os pelo caminho do Sinai e de Cadés-Barnea. Eles expulsaram todos os que habitavam no deserto,¹⁵ instalaram-se na terra dos amorreus e aniquilaram com a sua força todos os habitantes de Hesbon. Atravessaram o Jordão, apoderaram-se de todas aquelas montanhas,¹⁶ expulsaram da sua presença os cananeus, os perizeus, os jebuseus, os siquemitas e todos os guirgaseus, e ali ficaram a viver durante muito tempo^g.¹⁷ E, enquanto não pecaram contra o seu Deus, viveram em prosperidade^h, porque o seu Deus, que odeia a iniquidade, estava com eles.¹⁸ Mas, quando se afastaram do caminho que Ele lhes tinha traçado, foram repetida e completamente esmagados em numerosas guerrasⁱ e levados cativos para uma terra estrangeira. O

^a O percurso traçado segue os grandes momentos da história fundacional: a origem caldeia dos antepassados (cf. Gn 11,31; Js 24,2s) e a sua partida para a Mesopotâmia (v.7); a chamada de Deus e a emigração para Canaã, eco de Gn 12,1, com o enriquecimento em ouro, prata e gado a evocar Gn 13,2 (v.9); a descida ao Egito por causa da fome e a escravidão (cf. Dt 26,5-8; Ne 9,9-11; Js 24,5-7) (vv.10s); as pragas (v.12); a travessia do Mar Vermelho, narrada em termos quase idênticos aos de Js 2,10 (v.13); a marcha pelo Sinai e Cadés-Barnea – o autor omite a aliança do Sinai, tal como Js 24,5-8 – (v.14); a conquista da terra dos amorreus e de Hesbon, a travessia do Jordão e a ocupação das terras altas (v.15); a expulsão dos povos de Canaã, com uma lista que difere das habituais por incluir os siquemitas em vez dos heveus (cf. Dt 7,1; Js 24,11; Jz 3,5) (v.16); e finalmente a afirmação deuteronomista de que a prosperidade depende da fidelidade a Deus (v.17), que constitui o eixo teológico de todo o discurso.

^b O epíteto tem raízes bíblicas em Gn 24,7, mas disseminou-se mais amplamente no período persa, surgindo frequentemente em contextos de diálogo com não-israelitas (cf. Jn 1,9; Esd 1,2; Ne 2,20; 2Cr 36,23). A sua formulação teológica tornava-o compatível com o «Zeus» persa, Ahura Mazda. Neste livro é usado por Aquior, pelos habitantes de Betúlia (6,19) e por Judite (11,17).

^c Lit.: *dos seus deuses*.

^d Lit.: *muitos dias*.

^e Lit.: *que saíssem da morada deles*.

^f Lit.: *enganou-os em sofrimento e tijolo, humilhou-os e pô-los para escravos*.

^g Lit.: *nela [= naquela terra] muitos dias*.

^h Lit.: *eram com eles as coisas boas*.

ⁱ Seu é acrescido da tradução.

^j Lit.: *foram [totalmente] destruídos em muitas guerras muito muito*.

templo do seu Deus foi arrasado^k e as suas cidades foram tomadas pelos seus inimigos.

¹⁹Porém, agora, depois de terem voltado para o seu Deus, regressaram^l da diáspora onde estavam dispersos, tomaram Jerusalém, onde está o seu santuário, e instalaram-se nas montanhas, que estavam desertas. ²⁰Por isso, meu amo e senhor, se houver algum erro, mesmo inconsciente, neste povo, se estão a pecar contra o seu Deus, e tivermos a certeza de que existe neles tal pecado^m, então subamos e travemos batalha contra eles. ²¹Mas se não houver nenhuma iniquidade entre a sua gente, que o meu senhor passe ao lado, não aconteça que o seu Senhor e o seu Deus os defenda e nos tornemos motivo de escárnio diante de toda a terra».

²²Quandoⁿ Aquior terminou de dizer estas palavras, todo o povo que estava em redor da tenda começou a murmurar e a comprimir-se à volta dele, e os dignitários de Holofernes, assim como todos os habitantes da zona costeira e de Moab, propuseram desfazê-lo em pedaços. ²³«Não temos medo dos filhos de Israel! São^o um povo sem exército nem capacidade para enfrentar um combate duro. ²⁴Por isso, ó nosso amo Holofernes, subamos, e eles serão devorados por todo o teu exército^p».

6 Aquior é conduzido a Israel

¹Quando acalmou o tumulto dos homens em redor do conselho, Holofernes, comandante supremo do exército assírio, disse a Aquior, diante de toda aquela multidão de estrangeiros e a todos os moabitas: ²«Quem és tu, Aquior, tu e os mercenários de Efraim, para profetizares^q hoje no meio de nós e nos dizes para não combatermos contra o povo de Israel porque o seu Deus os defenderá? Quem é deus senão Nabucodonosor?^r Ele enviará o seu exército e exterminá-los-á da face da terra, e o seu Deus não poderá salvá-los. ³Nós, os seus servos, os atingiremos como se fossem um só homem; não poderão resistir à força da nossa cavalaria. ⁴Queimá-los-emos dentro das suas casas, as suas montanhas ficarão embriagadas com o seu sangue e as suas planícies encher-se-ão dos seus cadáveres. Nem sequer a pegada dos seus pés ficará à nossa passagem; pelo contrário, serão completamente destruídos^s. Assim fala Nabucodonosor, o senhor de toda a terra; assim falou e as suas palavras^t

^k Lit.: *aconteceu até fundamento*.

^l Lit.: *subiram*.

^m Lit.: *esta pedra de tropeço*.

ⁿ O grego antepõe e *aconteceu [que]*.

^o O grego antepõe *eis pois*.

^p Lit.: *serão para devoração de todos os teus soldados*.

^q A figura do estrangeiro que se torna profeta em favor de Israel (6,2) é paralela à de Balaão (Nm 22-24), Raab (Js 2) e Aicar (Tb 1,21).

^r A arrogância do discurso de Holofernes afronta fortemente o mandamento divino de Dt 4,35 e Is 44,6.8; 45,5ss. Assim incorrerá no castigo previsto para o rei de Assíria em 2Rs 19,20-28.32-34 (cf. especialmente estes últimos vv.) e Is 37,23-29.33-35.

^s Lit.: *destruir-se-ão com destruição*.

^t Lit.: *as palavras das suas palavras*.

não serão em vão. ⁵Mas tu, Aquior, mercenário amonita, que neste dia disseste palavras que mostram a tua iniquidade^a, a partir deste dia não voltarás a ver o meu rosto até que me tenha vingado desta gente fugida do Egito. ⁶Então, quando eu voltar, a espada dos meus soldados^b e a multidão dos meus servidores hão de trespassar-te o ventre e cairás entre os feridos desse povo^c. ⁷Os meus servos levar-te-ão agora para as montanhas e deixar-te-ão numa das cidades das suas encostas; ⁸não morrerás até seres destruído juntamente com eles. ⁹Mas já que no teu coração tens a esperança de que eles não serão capturados, não precisas de ficar com o rosto tão pesaroso^d. Tenho dito. Não se perderá nenhuma das minhas palavras».

¹⁰Então, Holofernes ordenou aos seus servos, que estavam junto da sua tenda, que prendessem Aquior, o levassem para Betúlia e o entregassem nas mãos dos filhos de Israel. ¹¹Os seus servos prenderam-no e conduziram-no para fora do acampamento, em direção à planície. Depois, da planície levaram-no até às montanhas e chegaram às nascentes que estão abaixo de Betúlia. ¹²Ora, quando os homens desta cidade os viram aproximar-se do cume da montanha, pegaram nas suas armas e saíram da cidade, em direção ao cume da montanha. Todos os que estavam armados de fundas^d impediram-lhes a subida, lançando-lhes pedras. ¹³Os homens de Holofernes, porém, acabaram por encontrar refúgio na encosta da montanha^e, amarraram Aquior, abandonaram-no no sopé da montanha e voltaram para junto do seu senhor.

¹⁴Os filhos de Israel desceram, então, da sua cidade e aproximaram-se dele. Desataram-no, conduziram-no a Betúlia e levaram-no à presença dos chefes da sua cidade, ¹⁵que, naqueles dias, eram Uzias, filho de Mica, da tribo de Simeão, e Cabri, filho de Gotoniel, e Carmi, filho de Malquiel^g. ¹⁶Convocaram todos os anciãos da cidade. Acorreram também à assembleia todos os seus jovens e mulheres. Colocaram Aquior no meio de todo o povo^h, e Uzias interrogou-o sobre o que tinha acontecido. ¹⁷Respondendo, ele contou-lhes as resoluçõesⁱ do conselho de Holofernes, bem como todas as palavras que ele mesmo dissera no meio dos chefes dos assírios e como Holofernes tinha falado com arrogância contra a casa de Israel.

¹⁸Então o povo, caindo por terra, adorou a Deus e clamou, dizendo: ¹⁹«Senhor, Deus do céu, olha para a sua arrogância, tem misericórdia da humilhação da nossa gente e fixa, neste dia, o teu olhar no rosto daqueles que te estão consagrados». ²⁰Em

^a Lit.: *que falaste estas palavras em dia de tua iniquidade.*

^b Lit.: *o ferro do meu exército.*

^c Lit.: *deles.*

^d Lit.: *não te caia o rosto.*

^d Lit.: *todo o homem fundibulário.*

^f Lit.: *e indo para debaixo da montanha.*

^g Betúlia é governada por um colégio de três chefes – detalhe que aponta para estruturas helenísticas de governo. Na prática, apenas Uzias toma a palavra; Cabri e Carmi são figuras sem voz. Os nomes têm ressonâncias bíblicas: Uzias pertence à tribo de Simeão, tal como Judite (9,2); Gotoniel evoca o juiz Oteniel (cf. Js 15,17; Jz 3,9-11); Malquiel aparece em Nm 26,45 ligado à tribo de Acher.

^h O grego acrescenta *deles*.

ⁱ Lit.: *as palavras.*

seguida, consolaram Aquior e elogiaram-no vivamente. ²¹Uzias levou-o da assembleia para a sua casa e ofereceu um banquete aos anciãos. E, durante toda aquela noite, invocaram o Deus de Israel, para que os ajudasse.

7 Cerco de Betúlia^j

¹No dia seguinte, Holofernes ordenou ao seu exército e a toda a multidão dos que tinham vindo aliar-se com ele que desmontassem o acampamento, se pusessem em marcha contra Betúlia, ocupassem os acessos às montanhas e travassem guerra contra os filhos de Israel. ²Naquele mesmo dia, puseram-se em marcha todos os homens aptos para o combate^k. O seu exército era composto por cento e setenta mil soldados^l e doze mil cavaleiros, além dos que se ocupavam das bagagens e dos homens que os acompanhavam a pé^m; era uma multidão enorme. ³Acamparam no vale perto de Betúlia, junto à nascente. O acampamento estendia-seⁿ, em largura, de Dotaim até Belbaim e, em comprimento, desde Betúlia até Quiamon, que fica diante de Esdremon^o.

⁴Quando os filhos de Israel viram toda aquela multidão^p, ficaram profundamente consternados e diziam uns aos outros: «É agora que eles vão varrer^q a face de toda a terra! Nem as altas montanhas, nem os vales, nem as colinas resistirão à sua força!».

⁵Cada um tomou as suas armas e, depois de acenderem fogueiras sobre as suas torres, permaneceram de guarda durante toda aquela noite. ⁶No segundo dia, Holofernes fez desfilar toda a sua cavalaria diante dos filhos de Israel, que estavam em Betúlia, ⁷cortou os acessos à sua cidade, identificou as fontes de água, apoderou-se delas e, depois de nelas ter estabelecido uma guarnição^r de soldados, voltou para junto da sua gente.

⁸Foram, então, ter com ele todos os chefes dos edomitas, todos os líderes do povo de Moab e os comandantes da região costeira e disseram-lhe: ⁹«Que o nosso amo aceite ouvir estas nossas palavras, para que não haja um único ferimento no seu

^j O contraste entre as forças de Holofernes e as de Israel enfatiza o poder de Deus (expresso na oração de 9,11-14). Mesmo se o povo *não põe a sua confiança nas suas lanças*, tampouco confia em Deus, mas *na altura das montanhas onde habita* (v.10). De facto, chegará ao ponto de pôr um prazo de cinco dias para a intervenção divina (v.30); tal atitude provocará a repreensão e confissão de fé de Judite (8,11-17) que antecede a sua iniciativa em favor do povo (8,32-34), pela qual encarna em si mesma a resposta de Deus ao drama de Israel.

^k Lit.: *todo homem poderoso deles*.

^l Lit.: *homens guerreiros*, tal como no v.7.

^m Lit.: *além da bagagem e dos homens, os quais eram a pé entre eles*.

ⁿ Lit.: *E estenderam-se*.

^o A descrição exagerada das dimensões do acampamento é um recurso literário típico do autor, para transmitir a impressão de um exército esmagador. Para Dotaim, cf. 3,9 nota. Belbaim é de identificação incerta, possivelmente idêntica a Belmain (4,4) ou Balamon (8,3). Quiamon é desconhecida, mas pode identificar-se com a bíblica Joqueuam (cf. Js 12,22), no vale de Esdremon, associada ao atual Tel-Qeimun, no flanco oriental do Carmelo.

^p Lit.: *a multidão deles*.

^q Lit.: *lamber*.

^r Lit.: *exército/acampamento*.

exército. ¹⁰Este povo dos filhos de Israel não põe a sua confiança nas suas lanças, mas na altura das montanhas onde habita. De facto, não é fácil escalar os cumes das suas montanhas. ¹¹Por isso, nosso amo, não os combatas numa batalha campal; dessa forma, não cairá um só homem da tua gente. ¹²Fica no teu acampamento, mantém a salvo nele todos os homens do teu exército, mas faz com que os teus servidores se vão apoderar da nascente de água que jorra no sopé da montanha, ¹³pois é dela que se abastecem de água todos os habitantes de Betúlia. A sede há de matá-los, e eles entregarão a cidade. Nós e a nossa gente subiremos aos cumes das montanhas mais próximas e ali montaremos guarda, de modo a que nem um único homem possa sair da cidade. ¹⁴Serão consumidos pela fome, eles, as suas mulheres e os seus filhos. E ainda antes de se levantar uma só espada contra eles^a, já terão caído mortos pelas ruas das suas casas. ¹⁵Fá-los-ás assim pagar caro^b por se terem revoltado e não terem ido à tua presença com intenções pacíficas^c».

¹⁶As suas palavras agradaram a Holofernes e a todos os seus ministros, e ordenou que se fizesse como tinham sugerido. ¹⁷As tropas dos amonitas partiram, então, juntamente com cinco mil assírios e acamparam no vale, apoderando-se das cisternas e das nascentes de água dos filhos de Israel. ¹⁸Os edomitas e os amonitas subiram e instalaram-se nas montanhas diante de Dotaim, e enviaram alguns deles em direção ao sudeste, para diante de Egrebel, perto de Cuche, que fica na torrente do Mocmur^d. O resto do exército dos assírios acampou na planície e cobriu toda a superfície daquele território^e. As suas tendas e bagagens formavam um grande acampamento, pois eram uma enorme multidão.

¹⁹Entretanto, os filhos de Israel clamaram ao Senhor, seu Deus. Estavam desanimados^f, porque estavam cercados por todos os seus inimigos e não havia maneira de escapar-lhes. ²⁰O cerco do exército assírio – isto é, a sua infantaria, os seus carros e a sua cavalaria – manteve-se durante trinta e quatro dias. Esgotaram-se todas as reservas de água dos habitantes de Betúlia; ²¹as cisternas esvaziavam-se e não podiam beber à vontade nem por um só dia que fosse, porque a água tinha sido racionada^g.

²²As suas crianças definhavam; as mulheres e os jovens desfaleciam de sede, caíam pelas ruas da cidade e à entrada das portas, pois já não restava neles força alguma.

²³Então todo o povo, mulheres, adolescentes e crianças, reuniu-se à volta de Uzias e dos chefes da cidade e começaram a gritar com voz forte, dizendo na presença de todos os anciãos: ²⁴«Que Deus seja juiz entre nós e vós! Pois cometestes uma

^a Lit.: *antes de vir a espada sobre eles*.

^b Lit.: *pagará a eles pagamento mau*.

^c Lit.: *em paz*.

^d Os três lugares para os quais as tropas se dirigem são desconhecidos fora do livro de Judite e de identificação incerta; Egrebel é por vezes identificada com Acraba, a sudeste de Siquém, e Cuche com a hodierna Quzeh, a sul de Siquém. A torrente de Mocmur talvez corresponda ao Wadi Qana, que flui para o rio Jarcon (o rio de Telavive; cf. Js 19,46 nota)

^e Lit.: *toda a face da terra*.

^f Lit.: *o seu espírito ficou com pouco ânimo*.

^g Lit.: *e não tinham beber água para satisfação um [só] dia porque davam-lhes de beber com medida*.

grande injustiça contra nós ao não terdes estabelecido conversações de paz^h com os assírios. ²⁵E agora não há quem nos ajude. Pelo contrário, Deus vendeu-nos às mãos dos nossos inimigosⁱ até ficarmos estendidos mortos diante deles pela sede, completamente destruídos^j. ²⁶Agora, chamai-os e entregai a cidade inteira para ser pilhada pelas gentes de Holofernes e de todo o seu exército. ²⁷De facto, é melhor para nós tornarmo-nos parte do seu saque. Seremos seus escravos, mas salvaremos a nossa vida^k e não teremos de ver com os nossos olhos a morte das nossas crianças, nem as nossas mulheres e os nossos filhos a perderem as suas vidas. ²⁸Chamamos como testemunhas contra vós o céu e a terra e o nosso Deus, o Senhor dos nossos pais, que nos pune de acordo com os nossos pecados e com os pecados dos nossos pais, para que não nos deixe na situação em que nos encontramos hoje^l».

²⁹No meio de toda a assembleia irrompeu então um grande e unânime pranto, e clamavam ao Senhor Deus com voz forte. ³⁰Uzias respondeu-lhes: «Tende coragem, irmãos! Resistamos ainda cinco dias, durante os quais o Senhor nosso Deus fará regressar sobre nós a sua misericórdia, pois Ele não nos abandonará até ao fim. ³¹Mas se esses dias^m passarem, e Ele não vier em nosso auxílioⁿ, agirei de acordo com as vossas palavras». ³²Então fez dispersar o povo, cada um ao seu posto de defesa, eles subiram para as muralhas e para as torres da sua cidade e mandaram as mulheres e crianças para as suas casas. Mas havia na cidade uma grande consternação.

INTERVENÇÃO DE JUDITE (8,1–15,7)

8 Apresentação de Judite

¹Por esses dias, veio a saber destes factos Judite^o, filha de Merari, filho de Ox, filho de José, filho de Oziel, filho de Hilquias, filho de Hananias, filho de Gedeão, filho de Refaim, filho de Aquitub, filho de Eliú, filho de Hilquias, filho de Eliab, filho de Natanael, filho de Salamiel, filho de Sarasadai, filho de Israel. ²O seu marido, Manassés, que era da sua mesma tribo e família, tinha morrido nos dias da colheita da cevada. ³Estava ele a dirigir os que atavam os feixes no campo, quando teve uma

^h Lit.: *não falando coisas pacíficas.*

ⁱ Lit.: *mãos deles.*

^j Lit.: *e com grande destruição.*

^k Lit.: *a nossa alma/vida viverá.*

^l Lit.: *para que Ele não faça de acordo com estas palavras no dia [de] hoje.*

^m Lit.: *eles.*

ⁿ Lit.: *e não vier auxílio sobre nós.*

^o Lit.: *E ouviu naqueles dias Judite.* A entrada de Judite em cena a meio do livro marca o início da segunda metade da obra e constitui um ponto de viragem no momento mais sombrio da narrativa. O nome *Judite*, raro no AT (apenas em Gn 26,34), significa *Judia*, e torna-a numa figura paradigmática de todo o povo. A genealogia de dezasseis antepassados – a mais extensa atribuída a uma mulher em toda a Bíblia – não deve ser naturalmente lida como histórica; a sua extensão e os nomes que a compõem (Gedeão, Elias, José, Merari) associam Judite a juizes, profetas, patriarcas e sacerdotes, transformando-a numa israelita ideal que resume em si mesma todas as funções e tribos do povo.

insolação^a e caiu de cama. Morreu em Betúlia, a sua cidade, e foi sepultado com os seus pais, no campo situado entre Dotaim e Balamon.

⁴Judite vivia na sua casa; era viúva havia três anos e quatro meses. ⁵Fizera para si uma tenda no terraço da sua casa, cingira os rins com pano de saco e trajava as vestes de viúva^b. ⁶Desde que ficara viúva, jejuava todos os dias, exceto nos sábados e nas suas vigílias, nos dias de lua nova e nas suas vigílias, nos dias de festa e de regozijo para a casa de Israel. ⁷Tinha uma bela aparência e uma presença muito encantadora^c. Manassés, seu marido, tinha-lhe deixado ouro e prata, servos e servas, rebanhos e campos, que ela continuava a administrar^d. ⁸Ninguém podia fazer-lhe qualquer censura^e, porque era muito temente a Deus.

Iniciativa de Judite no conselho

⁹Judite teve conhecimento^f das duras palavras que o povo, desanimado perante a escassez de água, tinha dirigido ao seu chefe, assim como também teve conhecimento de todas as declarações que Uzias lhes tinha feito quando lhes jurou que entregaria a cidade aos assírios, ao fim de cinco dias. ¹⁰Enviou, então, a sua serva preferida^g, que administrava todos os seus bens, a chamar Cabri e Carmi^h, os anciãos da cidade. ¹¹Eles foram ter com Juditeⁱ e esta disse-lhes: «Escutai-me, chefes dos habitantes de Betúlia. Não foram corretas as palavras que hoje dirigistes ao povo, nem aquele juramento que proferistes e estabelecestes entre vós e Deus^j, dizendo que entregaríeis a cidade aos nossos inimigos se o Senhor, por estes dias^k, não viesse em vosso auxílio. ¹²Mas quem sois vós para tentardes a Deus no dia de hoje e vos pordes no lugar de Deus^l no meio dos filhos dos homens? ¹³Deste modo colocais à prova o Senhor Omnipotente! Nunca haveis de perceber nada! ¹⁴Se nem sequer sois capazes de perscrutar as profundezas do coração do homem nem compreender os pensamentos da sua mente^m, como podereis, pois, inquirir acerca de Deus, que criou tudo isto, conhecer o seu pensamento ou perceber o seu raciocínio? De maneira nenhuma, irmãos! Não queirais irritar o Senhor, nosso Deus. ¹⁵Pois se não quiser enviar-vos

^a Lit.: veio a queimadura sobre a sua cabeça.

^b Lit.: e era sobre ela as vestes da sua viuvez.

^c Lit.: e era bela para aparência e muito encantadora para a vista.

^d Lit.: e permanecia sobre eles.

^e Lit.: e não existia quem lhe levasse palavra má.

^f Lit.: ouviu, em ambas as ocorrências do v.

^g O termo *habra*, raro nos LXX, designa especificamente a serva doméstica de confiança de uma mulher, com estatuto superior ao da simples escrava (*doulé, paidítské*). Esta palavra foi sempre traduzida desta forma (cf. 8,33; 10,2.5.17; 13,9; 16,23).

^h Cf. 6,15 nota.

ⁱ Lit.: ela.

^j Lit.: e estabelecestes este juramento, que falaste no meio de Deus e vós.

^k Lit.: neles [= dias].

^l Lit.: e ficardes [de pé] em vez de Deus.

^m Lit.: porque não encontrareis profundidade de coração de homem e não compreendereis palavras da mente.

auxílio em cinco dias, Ele tem poder para, no dia em que bem entender, nos proteger ou destruir diante dos nossos inimigos.¹⁶ Não imponhais condições aos desígnios do Senhorⁿ, nosso Deus. Deus não é como um homem para ser ameaçado ou como um filho de homem que pode ser sujeito a julgamento^o.

¹⁷Por isso, aguardando a salvação que dele vem, invoquemo-lo para que venha em nosso auxílio e Ele escutará a nossa voz, se assim for do seu agrado.¹⁸ De facto, nunca houve, nesta nossa geração nem no dia de hoje, uma tribo ou família, povo ou cidade nossa, que adore deuses fabricados por mão humana, como aconteceu em tempos passados.¹⁹ Foi por causa disso que os nossos pais foram entregues à espada e ao saque e sofreram uma pesada derrota^p diante dos nossos inimigos.²⁰ Nós, porém, não conhecemos outro deus além dele. Por isso, temos esperança de que Ele não desviará de nós o olhar, nem tampouco da nossa raça.²¹ Porque se formos capturados, será igualmente capturada toda a Judeia^q e o nosso santuário será saqueado. E Ele pedirá contas ao nosso sangue dessa profanação.²² Fará recair sobre as nossas cabeças, no meio dos pagãos, onde quer que sejamos escravos, a morte dos nossos irmãos, a deportação da nossa terra e a devastação da nossa herança; seremos motivo de escândalo e de injúrias diante dos nossos donos,²³ pois a nossa escravidão nada nos trará de bom^r; pelo contrário, o Senhor, nosso Deus, há de fazer com que seja uma desonra.²⁴ Por conseguinte, irmãos, mostremos aos nossos irmãos que as suas vidas dependem de nós e que nos compete preservar^s o santuário, o templo e o altar.

²⁵Por tudo isto, dêmos graças ao Senhor, nosso Deus, que nos põe à prova, como o tinha feito aos nossos pais.²⁶ Lembrai-vos como procedeu com Abraão, como pôs à prova Isaac e o que aconteceu a Jacob na Mesopotâmia da Síria, enquanto pastoreava as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe^t.²⁷ Porque tal como Ele os fez passar pelo fogo^u apenas para sondar os seus corações, assim também não se está a

ⁿ Lit.: *não penborais os desígnios do Senhor*. O verbo pertence ao vocabulário jurídico e sugere tomar algo como garantia de uma dívida. Judite descreve o prazo de cinco dias dado pelos líderes como um *penbor* imposto a Deus – como se o reduzissem à condição de devedor obrigado a resgatar a cidade dentro do tempo fixado pelos credores.

^o Muitos mss. apresentam algo como *que possa ser enganado*.

^p Lit.: *caíram grande caída*.

^q Por controlar o único acesso à Judeia (cf. 4,6s), a queda de Betúlia representaria a queda de toda a região. Na realidade, nenhum invasor histórico utilizou tal rota para conquistar Jerusalém; Betúlia simboliza o último obstáculo antes do templo, cuja defesa é a razão de ser de todo o livro.

^r Lit.: *a nossa servidão não será endireitada em direção à graça*.

^s Lit.: *estão suportados sobre nós*.

^t Judite atribui o teste a Isaac e não a Abraão (Gn 22,1), provavelmente entendendo que Isaac também foi provado, ao deixar-se atar sem resistir (Gn 22,9). Jacob na Mesopotâmia da Síria (= Padan-Aram, cf. Gn 33,18; 35,9) remete para as estratégias de Labão – e talvez também para a astúcia do próprio Jacob no episódio dos rebanhos (Gn 30,31-43).

^u *O fogo* é uma metáfora bíblica para a provação máxima (cf. Jr 9,6; Sl 17,3; 66,10), possivelmente com alusão a uma tradição midráshica, segundo a qual Abraão foi lançado numa fornalha pelos caldeus por causa da sua recusa em adorar os seus deuses, e foi miraculosamente salvo.

vingar de nós; pelo contrário, é para os advertir que o Senhor fustiga os que lhe são próximos^a».

²⁸Respondeu-lhe Uzias: «Tudo quanto disseste, disseste-o de coração sincero e não há ninguém que possa contrariar as tuas palavras. ²⁹Não foi apenas hoje que a tua sabedoria se mostrou evidente; pelo contrário, desde os teus primeiros dias^b que todo o povo reconhece a tua inteligência, bem como é boa a índole do teu coração.

³⁰Mas o povo está a sofrer muito por causa da sede^c e obrigou-nos a fazer o que lhes prometemos^d. Fizeram-nos prestar um juramento que não podemos transgredir.

³¹Por isso, reza por nós, porque és uma mulher piedosa, e o Senhor enviará chuva para encher as nossas cisternas e assim não morreremos de sede^e».

³²Judite respondeu-lhes: «Ouvi-me bem: vou fazer algo que será transmitido de geração em geração aos filhos da nossa raça. ³³Esta noite vós ficareis de plantão à porta da cidade; eu sairei com a minha serva preferida e, dentro dos dias que dissestes que entregaríeis a cidade aos nossos inimigos, o Senhor, por minha mão, visitará Israel. ³⁴Vós, porém, não me pergunteis quais são os meus planos^f, pois nada vos direi, até que se tenha cumprido o que vou fazer». ³⁵Uzias e os chefes disseram-lhe: «Vai em paz, e que o Senhor Deus vá à tua frente para exercer vingança sobre os nossos inimigos». ³⁶E, saindo da tenda, foram para os seus postos.

9 Oração de Judite

¹Então, Judite prostrou-se com o rosto por terra, deitou cinzas sobre a cabeça e, despindo-se, ficou só de saco^g. E no mesmo momento em que era oferecido o incenso da tarde na casa de Deus em Jerusalém, Judite bradou com voz forte ao Senhor, dizendo: ²«Senhor, Deus de meu pai Simeão, em cujas mãos puseste uma espada para exercer vingança sobre os estrangeiros que desnudaram^h o ventre de uma virgem para sua desonra, que deixaram nuas as suas coxas para sua vergonha, e profanaram o seu seio para sua infâmia. Apesar de teres dito: “*Não façais isto*”, eles fizeram-no.

^a A frase encerra o discurso de Judite com uma afirmação teológica de teor sapiencial: a situação pela qual Deus permite que passem é sinal de proximidade e amor, não de abandono (cf. Pr 3,11s; Jb 5,17).

^b Lit.: *desde princípio de teus dias*.

^c Lit.: *teve muita sede*.

^d Lit.: *falámos*.

^e Lit.: *e não nos esgotaremos já*. O mesmo verbo é usado em 7,20 para o descrever o esvaziamento das reservas de água. As cisternas esgotam-se tal como os habitantes *se esgotam* também, morrendo de sede.

^f Lit.: *não procureis a minha ação*.

^g Lit.: *desnudou o saco que tinha vestido*. A expressão provavelmente não implica que Judite se despoja do saco; pelo contrário, ela remove a veste exterior de viveuz para expor o saco que usa por baixo, preparando-se para a oração (cf. 2Rs 6,30). Uma proposta alternativa, que interpreta o gesto como despojar-se do saco para orar nua, não tem paralelo bíblico.

^h Lit.: *que desataram*. Judite abre a oração com a referência à vingança de Simeão (que não figura na sua genealogia de 8,1, mas está implícito na ancestralidade tribal) e Levi pela violação da sua irmã Dina por Siquém (Gn 34).

ⁱ Gn 34,7 LXX. Enquanto em Gn a frase é dita pelo narrador (ou reflete a reação dos irmãos em discurso indireto), aqui é atribuída a Deus.

³Por isso, entregaste os seus chefes à morte, e os seus leitos, envergonhados pelas suas artimanhas, foram também com artimanhas manchados de sangue^l. Feriste os escravos diante dos chefes e os chefes sentados nos seus tronos^k, ⁴e entregaste as suas mulheres como despojos de guerra e as suas filhas ao cativoiro, e tudo o que lhes foi pilhado para ser repartido pelos filhos por ti amados. Eles, ardendo de zelo por ti, abominaram a profanação do seu próprio sangue^l e invocaram o teu auxílio. Ó Deus, ó meu Deus, ouve-me também a mim que sou viúva! ⁵Tu fizeste as coisas passadas, as presentes e as futuras; pensaste nas coisas do agora e do futuro, e o que planeaste tornou-se realidade. ⁶Todas as coisas que determinaste apresentaram-se e disseram: “Eis-nos aqui”. Porque todos os teus caminhos estão preparados e os teus juízos previstos de antemão. ⁷Eis que os assírios multiplicaram o seu exército: ufanam-se dos seus cavalos e cavaleiros, gabam-se da força da sua infantaria. Depositam a sua esperança no escudo e na lança, no arco e na funda, pois não sabem que Tu és o Senhor que esmaga as guerras. ⁸O teu nome é “Senhor”. Esmaga a sua força com o teu poder e arrasa o seu poderio com a tua cólera, pois eles querem profanar o teu santuário, contaminar a tenda onde repousa o teu nome glorioso^m e derrubar com o ferro as hastesⁿ do teu altar. ⁹Olha para a sua arrogância, envia a tua ira sobre as suas cabeças e coloca na minha mão de viúva a força para realizar o que pretendo. ¹⁰Com as artimanhas dos meus lábios, fere o servo com o chefe e o chefe com os seus servidores. Despedaça a sua soberba pela mão de uma mulher^o. ¹¹Pois a tua força não reside no número e o teu poder não está nos fortes. Pelo contrário, Tu és o Deus dos humildes, és o auxílio dos pequenos, protetor dos fracos, defensor dos desamparados, salvador dos desesperados. ¹²Sim, sim, Deus de meu pai, Deus da herança de Israel, soberano dos céus e da terra, criador das águas, rei de toda a tua criação, escuta a minha súplica! ¹³Faz com que as minhas palavras e artimanhas se tornem numa ferida mortal^p dos que maquinaram a crueldade contra a tua aliança e a tua santa morada, contra o monte^q Sião e a casa que pertence aos teus filhos.

^l Lit.: *foi atraído para o sangue*. A expressão faz alusão ao estratégia dos filhos de Jacob, que fingiram aceitar o casamento da sua irmã Dina, apenas para poderem exercer a sua vingança: pela traição, os irmãos retribuíram a traição de Siquém (Gn 34, 25-27).

^k A imagem não corresponde ao episódio de Dina em Gn 34, mas ao extermínio dos primogénitos do Egito (Ex 11,5; 12,29). A equiparação implícita dos assírios aos egípcios prepara o argumento teológico que se desenvolverá em 9,7-10.

^l O texto refere-se de novo à violação de Dina; com a sua descendência, o sangue dos filhos de Jacob ficaria irremediavelmente contaminado.

^m Lit.: *do repouso do nome da tua glória*.

ⁿ Lit.: *cornos*. Os cantos do altar dos holocaustos eram rematados por protuberâncias chamadas *cornos* (cf. Ex 27,2), que funcionavam como lugar de refúgio (cf. 1Rs 1,50; 2,28). Abatê-los era portanto suprimir o último refúgio dos perseguidos (cf. Am 3,14s). O uso de ferro agrava o sacrilégio, pois a Lei proíbia expressamente que o ferro tocasse o altar (Dt 27,5).

^o O termo em grego é diferente do habitual para se referir à mulher; uma tradução mais literal seria *fêmea*.

^p Lit.: *dá minha palavra e engano para ferida e chaga deles, os que...*

^q Lit.: *cume*.

¹⁴Faz com que toda a tua nação e todas as tribos reconheçam e saibam que Tu és Deus, Deus de todo o poder e de toda^a a força, e que não há outro defensor da raça de Israel senão Tu».

10 Judite dirige-se ao acampamento inimigo

¹Quando Judite terminou o seu clamor^b ao Deus de Israel e acabou de dizer todas estas palavras, ²levantou-se da sua prostração, chamou a sua serva preferida e desceu para a casa onde costumava passar os dias de sábado e as festas. ³Tirou o pano de saco que trazia vestido, despiu as suas vestes de viúva^c, lavou o corpo com água, ungiu-se com um denso perfume, penteou os cabelos da sua cabeça e colocou-lhe um diadema. Depois, vestiu-se com as roupas alegres que costumava usar nos dias em que o seu marido Manassés era vivo^d. ⁴Calçou sandálias nos pés^e, colocou braceletes, colares, anéis, brincos e todos os seus adornos e embelezou-se com esmero de modo a atrair^f os olhos de quantos homens a vissem. ⁵Entregou à sua serva preferida um odre de vinho e uma ânfora de azeite, encheu o alforje com grãos de cevada, figos secos e pães puros^g; pôs tudo num saco e colocou-lho às costas^h.

⁶Saíram em direção à porta da cidade de Betúlia e encontraram lá, de plantão, Uzias e os anciãos da cidade, Cabri e Carmi. ⁷Quando a viram, com o rosto transformado e de vestes mudadas, ficaram extremamente surpreendidos com a sua beleza e disseram-lhe: ⁸«Que o Deus dos nossos pais te conceda o seu favorⁱ e leve a bom termo os teus planos, para glória dos filhos de Israel e exaltação de Jerusalém». ⁹Ela adorou a Deus e disse-lhes: «Ordenai que me abram a porta da cidade e sairei para que se cumpram essas palavras que me dissestes». Então, ordenaram aos jovens que lhe abrissem a porta^j conforme ela pedira. ¹⁰Eles assim fizeram e Judite saiu, juntamente com a sua serva^k. Os homens da cidade continuaram a observá-la enquanto descia a montanha, até que atravessou o vale e deixaram de a ver^l.

¹¹Avançavam a direito pelo meio do vale quando a guarda avançada dos assírios a encontrou. ¹²Detiveram-na e perguntaram-lhe: «A que povo pertences^m, donde vens e para onde vais?». Ela respondeu: «Sou filha dos hebreus e estou a fugir

^a De toda é acrescento da tradução.

^b Lit.: e aconteceu [que] quando terminou clamando.

^c Lit.: da sua viuvez.

^d Lit.: as vestes da sua alegria com as que se vestia nos dias de vida do seu homem Manassés.

^e Lit.: e recebeu sandálias para os seus pés.

^f Lit.: para artimanha.

^g Isto é, pão *kosher*, que um judeu observante poderia comer sem violar as leis de pureza.

^h Às costas é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: te dê para graça/favor.

^j A porta é acrescento da tradução.

^k Lit.: ela e a serva dela com ela.

^l Lit.: e já não a viam.

^m Lit.: és de quem.

delesⁿ, porque estão prestes a tornarem-se vossa presa^o. ¹³Por isso, venho à presença de Holofernes, comandante supremo do vosso exército, para lhe dar informações seguras e mostrar-lhe o caminho^p pelo qual poderá passar e tornar-se senhor de toda a montanha, sem perder nenhum dos seus homens ou uma só vida^q». ¹⁴Enquanto os homens ouviam as suas palavras, apreciavam o seu rosto e estavam impressionados com a sua grande beleza^r. Disseram-lhe: ¹⁵«Acabaste de salvar a tua vida por teres descido prontamente à presença do nosso senhor. Vai agora à sua tenda; alguns de nós escoltar-te-ão até te entregarem em suas mãos. ¹⁶Quando estiveres diante dele, não tenhas medo no teu coração; comunica-lhe o que nos disseste e ele tratar-te-á bem^s». ¹⁷Chamaram cem dos seus homens^t para a acompanharem a ela e à sua serva preferida e conduziram-nas à tenda de Holofernes.

¹⁸Houve uma grande agitação em todo o acampamento, pois correu pelas tendas a notícia da sua vinda. Vieram e rodearam-na, enquanto estava fora da tenda de Holofernes, à espera de lhe ser anunciada. ¹⁹Estavam impressionados com a sua beleza e, por sua causa, estavam impressionados com os filhos de Israel. E diziam uns aos outros: «Quem pode desprezar um povo como este, que tem tais mulheres? Não é bom que reste nem um só dos seus homens. Os que fossem poupados poderiam seduzir toda a terra!».

²⁰Saíram, então, os guardas pessoais de Holofernes e todos os seus ministros e introduziram-na na tenda. ²¹Holofernes estava a repousar no seu leito, dentro de uma cortina mosquiteira de púrpura, bordada a ouro, com esmeraldas e pedras preciosas. ²²Anunciaram-lhe a presença dela e ele saiu para a entrada da tenda, precedido por tocheiros de prata. ²³Quando Judite chegou à sua presença e dos seus ministros, todos ficaram impressionados com a beleza do seu rosto. Ela prostrou-se diante dele com o rosto por terra^u, mas os seus servos levantaram-na.

11 Encontro de Judite e Holofernes

¹Disse-lhe Holofernes: «Tem coragem, mulher. Não tenhas medo em teu coração, porque eu nunca fiz mal a ninguém que tenha escolhido servir Nabucodonosor, rei de toda a terra. ²Se o teu povo, que habita nas montanhas, não me tivesse desprezado, não teria levantado a minha lança contra eles; foram eles que fizeram isto contra si mesmos. ³Mas, agora, diz-me por que motivo fugiste deles e vieste ter

ⁿ Lit.: *do rosto deles*.

^o Lit.: *do rosto deles porque estão prestes a dar[-se] a vós para comida*

^p Lit.: *anunciar palavras de verdade e mostrar diante de rosto dele caminho*.

^q Lit.: *dos homens dele uma [só] carne nem espírito de vida*.

^r Lit.: *era admirável diante deles pela muita beleza*.

^s Lit.: *anuncia-lhe segundo as tuas palavras e fará bem a ti*.

^t O número é, naturalmente, hiperbólico, de acordo com o gosto do autor de Judite pela amplificação numérica. O paralelo bíblico é provavelmente os cinquenta homens que corriam à frente de Absalão e de Adonias, ambos notoriamente belos (cf. 2Sm 15,1; 1Rs 1,5s).

^u Lit.: *caindo sobre rosto, prostrou-se*.

connosco. É claro que vieste para te salvares^a. Tem coragem: viverás esta noite e as seguintes também!^b ⁴Ninguém te fará mal. Pelo contrário, serás bem tratada^c, tal como acontece aos servos do meu senhor, o rei Nabucodonosor».

⁵Judite disse-lhe: «Acolhe as palavras da tua escrava e que a tua serva possa falar na tua presença. Nada do que vou contar esta noite ao meu senhor é mentira. ⁶Se seguires os conselhos da tua serva, Deus realizará contigo uma obra decisiva e o meu Senhor não fracassará nos seus projetos^d. ⁷Viva Nabucodonosor, rei de toda a terra, e viva o seu poder! Ele enviou-te a pôr no bom caminho todo o ser vivo^e. Por meio de ti, servem-no não apenas os homens, mas também os animais do campo, os animais domésticos e as aves do céu; por causa da tua força, todos^f viverão para Nabucodonosor e para a sua casa. ⁸De facto, nós ouvimos falar da tua sabedoria e dos recursos da tua mente. Por toda a terra foi anunciado que somente tu, em todo o reino, és verdadeiramente excelente, temível pelo teu engenho e digno de admiração na arte da guerra^g. ⁹Pois bem, quanto ao discurso que Aquior proferiu no teu conselho, tivemos oportunidade de conhecer o seu conteúdo^h, porque os homens de Betúlia o pouparam, e ele contou-lhes tudo quanto dissera diante de ti. ¹⁰Por isso, meu amo e senhor, não ignores o seu discurso, mas põe-no no teu coração, porque é verdadeiro: de facto, a nossa raça não será castigada, nenhuma espada terá poder sobre ela, a não ser que tenha pecado contra o seu Deus.

¹¹Assim sendo, que o meu senhor não se sinta derrotado nem pense que as suas ações não tiveram efeitoⁱ, pois a morte cairá sobre eles^j. O pecado apoderou-se deles, pecado^k com o qual provocam a ira do seu Deus, visto que fazem o que é reprovável. ¹²Como se lhes esgotaram os alimentos e já não têm água, decidiram deitar a mão ao seu gado^l e resolveram consumir tudo aquilo que Deus, pelas suas leis, lhes proibiu comer. ¹³Decidiram consumir até mesmo as primícias do trigo e os dízimos do vinho e do azeite, reservados como dons consagrados para os sacerdotes que servem em Jerusalém diante do nosso Deus e nos quais nem com as mãos alguém do povo podia

^a Lit.: *vens pois para salvação*.

^b Lit.: *e para o resto*.

^c Lit.: *pois não há quem te injustice, pelo contrário, fará bem a ti*.

^d Lit.: *Deus fará perfeitamente assunto contigo*. Este v. ilustra de forma clara a dupla linguagem que Judite mantém ao longo de toda a conversa com Holofernes. As mesmas palavras funcionam em dois registos opostos: o general assírio ouve uma promessa de vitória para a sua campanha; Judite anuncia a intervenção de Deus contra ele.

^e Lit.: *pôr direito toda alma*.

^f Todos é acresceto da tradução.

^g Lit.: *bom e poderoso em conhecimento e admirável em campanhas de guerra*.

^h Lit.: *ouvimos as palavras dele*.

ⁱ Lit.: *e agora para que o meu senhor não se torne rechaçado e ineficaz*. O primeiro termo tem o sentido de ser repellido ou forçado a recuar sem atingir o objetivo; o segundo significa *sem resultado*.

^j Lit.: *sobre o rosto deles*.

^k Pecado é acresceto da tradução.

^l Os alimentos proibidos que os habitantes de Betúlia estariam prestes a consumir podem referir-se à gordura e ao sangue reservados a Deus (cf. Lv 3,16s; 17,10-14), a animais primogénitos (cf. Dt 15,19-23) ou a animais abatidos de forma ritualmente indevida.

tocar. ¹⁴Entretanto, enviaram delegados^m a Jerusalém a fim de pedirem autorização ao conselho de anciãos para fazerem o mesmo que os seus habitantes já tinham feitoⁿ. ¹⁵Mas quando receberem a resposta e agirem em conformidade^o, nesse mesmo dia ser-te-ão entregues para serem aniquilados^p.

¹⁶É por isto que eu, tua serva, quando soube destas coisas, fugi da sua presença. Deus enviou-me para realizar estas obras contigo, das quais toda a terra ficará espantada quando ouvir falar delas. ¹⁷A tua serva é temente a Deus e serve ao Deus do céu noite e dia. Por agora, meu senhor, permaneço junto de ti; mas todas as noites a tua serva deve sair até ao vale para rezar a Deus, e Ele dir-me-á quando eles tiverem cometido tais pecados. ¹⁸Virei, então, comunicar-to, e tu sairás com todo o teu exército e nenhum deles poderá oferecer-te resistência. ¹⁹Em seguida, conduzir-te-ei através da Judeia até chegares diante de Jerusalém. Colocarei o teu trono no meio da cidade^q, e tu os conduzirás como a ovelhas que estão sem pastor; nem sequer um cão há de rosnar à tua passagem^r. Tudo isto foi-me dito previamente; foi-me anunciado e eu fui enviada para to comunicar^s.

²⁰As suas palavras agradaram a Holofernes e a todos os seus ministros. Ficaram impressionados com a sua sabedoria e disseram: ²¹«De um extremo ao outro da terra, nenhuma mulher se lhe compara em beleza de rosto e em inteligência de discurso». ²²Disse-lhe Holofernes: «Deus fez bem em enviar-te à frente do povo para trazer força às nossas mãos e a destruição àqueles que^s desprezaram o meu senhor. ²³Quanto a ti, que és formosa na aparência e arguta nas palavras^t, se fizeres o que disseste, o teu Deus será o meu Deus, e tu tomarás assento no palácio do rei Nabucodonosor e serás famosa em toda a terra».

12 Judite instala-se no acampamento assírio

¹Mandou, então, que a introduzissem na sala^u onde tinha a sua baixela de prata e ordenou que lhe pusessem a mesa com a comida que tinha sido preparada para ele^v e lhe dessem a beber do seu vinho. ²Mas Judite disse: «Não comerei nada disso^w, para não cair em pecado^x; servir-me-ei do que trouxe comigo». ³Disse-lhe Holofernes: «Quando acabar aquilo que tens contigo, onde iremos buscar alimen-

^m *Delegados* é acrescento da tradução.

ⁿ Com esta mentira, Judite torna plausível que o conselho de anciãos autorize os de Betúlia a fazer o mesmo que os habitantes de Jerusalém já teriam feito (ou seja, violar as regras da alimentação), o que, para Holofernes, pode soar como um sinal de que Jerusalém também cairá facilmente.

^o Lit.: *e será quando lhes anunciarem e fizerem*.

^p Lit.: *para destruição*.

^q Lit.: *dela*.

^r Lit.: *e não rosnará cão com a sua língua diante de ti*.

^s Lit.: *poder se tornar em nossas mãos e aniquilação entre*.

^t Lit.: *boa nas tuas palavras*

^u *Na sala* é acrescento da tradução.

^v Lit.: *a comida dele*.

^w Lit.: *deles*.

^x Lit.: *para que não aconteça escândalo*. Cf. Mt 5,29.

tos semelhantes para te dar? Entre nós não há ninguém da tua gente». ⁴Judite respondeu-lhe: «Pela tua vida, meu senhor! A tua serva não esgotará o que tem com ela antes de o Senhor realizar pela minha mão o que pretende».

⁵Os servos de Holofernes conduziram-na, então, à tenda, e ela dormiu até ao meio da noite. Levantou-se antes da vigília da manhã ⁶e mandou dizer a Holofernes: «Meu senhor, ordena que seja permitido à tua serva sair para rezar». ⁷Holofernes deu ordens à sua guarda pessoal para que não lho impedissem, e, durante os três dias que permaneceu no acampamento, ela saiu cada noite para o vale diante de Betúlia, para se lavar na fonte de água que ficava no acampamento ^b. ⁸Enquanto regressava ^c, ia pedindo ao Senhor, Deus de Israel, que guiasse o seu caminho no sentido de reerguer os filhos do seu povo. ⁹Uma vez purificada, entrava e permanecia na tenda até que, pela tarde, lhe traziam a sua refeição.

Judite no banquete de Holofernes

¹⁰No quarto dia ^d, Holofernes ofereceu um banquete apenas para os seus servos e não convidou nenhum dos oficiais ^e. ¹¹Disse ao eunuco Bagoas ^f, responsável por todos os seus assuntos: «Vai convencer a mulher hebreia que está ao teu cuidado a vir comer e beber connosco. ¹²De facto, seria uma vergonha para nós ^g deixarmos partir esta mulher sem termos convivido com ela ^h. Se não a cortejarmos, ela zombará de nós».

¹³Bagoas saiu da presença de Holofernes, foi ao encontro dela e disse-lhe: «Que esta bela jovem não hesite em ir ter com o meu senhor, para ser honrada na sua presença, para beber vinho alegremente connosco e tornar-se hoje como uma das mulheres assírias, semelhante àquelas que vivem no palácio de Nabucodonosor ⁱ».

¹⁴Judite respondeu-lhe: «Quem sou eu para contrariar o meu senhor? Farei com prontidão tudo o que for agradável aos seus olhos e isso será para mim motivo de alegria até ao dia da minha morte».

¹⁵Então, levantou-se e adornou-se com belas vestes e com todos os adereços femininos ^j. A sua serva foi à sua frente e estendeu no chão, diante de Holofernes, as peles que tinha recebido de Bagoas, para uso quotidiano, para poder comer reclinada

^a A noite dividia-se em três vigílias: do pôr do sol às dez da noite, das dez às duas da madrugada (vigília do meio da noite), e das duas ao nascer do sol, a chamada *vigília da manhã* (cf. Jz 7,19; Ex 14,24; 1Sm 11,11).

^b A integridade moral e religiosa de Judite, apresentada em 8,31 e 11,17, inclui a fidelidade à oração e a purificação quotidiana, necessária pelo contacto com os ímpios (Ex 30,17-21).

^c Lit.: *quando subia*.

^d O grego antepõe e aconteceu [que].

^e Lit.: *e não chamou para o chamamento nenhum dos para as necessidades*.

^f Nome de origem persa, normalmente associado aos eunucos da corte.

^g Lit.: *ao nosso rosto*.

^h Lit.: *sem termos relação com ela*; trata-se de um eufemismo em grego que sugere relações sexuais.

ⁱ Lit.: *como uma filha dos filhos de Assíria, as que vivem na casa de Nabucodonosor*.

^j Lit.: *com a veste e com todos os adereços femininos*.

sobre elas. ¹⁶Judite entrou e recostou-se. O coração de Holofernes ficou extasiado com ela, a sua alma ficou agitada e o desejo de se deitar com ela tornou-se muito violento. De facto, desde o dia em que a vira que aguardava o momento oportuno para a seduzir. ¹⁷Disse-lhe Holofernes: «Bebe e alegra-te connosco^k». ¹⁸Judite respondeu-lhe: «Beberei sim, senhor, porque, desde o meu nascimento, a minha vida nunca foi tão magnífica como no dia de hoje». ¹⁹E, tomando daquilo que tinha preparado a sua serva, comeu e bebeu diante dele. ²⁰Holofernes estava tão contente com a presença dela que bebeu vinho numa enorme quantidade, como nunca antes num só dia, desde o seu nascimento.

13 Judite corta a cabeça de Holofernes

¹Ao cair da tarde, os seus servos apressaram-se a retirar-se. Bagoas fechou a tenda por fora, depois de ter mandado embora da presença do seu senhor os que ali estavam. Eles foram deitar-se^l, pois estavam todos exaustos por causa dos excessos do banquete. ²Judite, porém, foi deixada sozinha na tenda com Holofernes, que estava estendido no seu leito, completamente embriagado^m. ³Judite tinha dito à sua serva que ficasse fora do quarto e aguardasse a sua saída, tal como fazia todos os dias. De facto, dissera que sairia para a oração e o mesmo tinha dito a Bagoasⁿ. ⁴Tinham saído todos da presença de Holofernes^o; do mais pequeno ao maior, ninguém foi deixado no quarto. Então, Judite, de pé junto do leito dele, disse no seu coração: «Senhor, Deus de toda a força, volta o teu olhar nesta hora para a obra das minhas mãos, pela exaltação de Jerusalém. ⁵Este é o momento de acudires à tua herança e de realizares o meu plano, para que possa esmagar os inimigos^p que se levantaram contra nós». ⁶Avançando para a beira do leito que ficava junto da cabeça de Holofernes, pegou no sabre^q deste, ⁷aproximou-se do leito, agarrou-o pelos cabelos da cabeça e disse: «Dá-me força, Senhor, Deus de Israel, neste dia!». ⁸E, com toda a sua força^r, golpeou-lhe o pescoço por duas vezes e cortou-lhe a cabeça. ⁹Fez rolar o corpo dele para fora do leito e desprendeu as cortinas das colunas. Pouco depois, saiu e entregou a cabeça de Holofernes à sua serva preferida, ¹⁰que a meteu no alforge dos alimentos, e saíram as duas juntas para a oração, como era seu costume. Atravessaram o acampamento, contornaram^s o vale, subiram a montanha de Betúlia e chegaram às suas portas.

^k Lit.: *torna-te connosco para alegria.*

^l Lit.: *para os seus leitos.*

^m Lit.: *o vinho tinha-se derramado à volta dele.*

ⁿ Lit.: *e a Bagoas falou segundo estas palavras.*

^o *Holofernes* é acrescento da tradução.

^p Lit.: *para destruição de inimigos.*

^q Lit.: *akinákés*, palavra persa que designa uma espécie de sabre curvo, usado pelos persas.

^r Lit.: *e na força dela.*

^s O grego acrescenta *aquele*.

¹¹Ainda longe, Judite gritou aos guardas das portas: «Abri, abri a porta! Deus, o nosso Deus, está connosco^a! Ele continua a exercer a sua força^b em Israel e o seu poder contra os inimigos: assim o fez hoje!». ¹²Quando^c os homens da sua cidade ouviram a sua voz, apressaram-se a descer para a porta da cidade^d e convocaram os anciãos da cidade. ¹³Acorreram todos, do mais pequeno ao maior, porque o regresso de Judite^e era uma surpresa para eles. Abriram a porta, receberam-nas, acenderam uma fogueira para iluminar e puseram-se à volta delas.

¹⁴Judite disse-lhes com voz forte: «Louvai a Deus, louvai! Louvai a Deus, porque não retirou a sua misericórdia da casa de Israel, mas que nesta noite, pela minha mão, despedaçou os nossos inimigos». ¹⁵Retirando a cabeça do alforge, mostrou-a e disse-lhes: «Eis a cabeça de Holofernes, comandante supremo do exército dos assírios, e eis também as cortinas do lugar onde, embriagado, estava deitado, e onde o Senhor o atingiu pela mão de uma mulher^f. ¹⁶Viva o Senhor que me protegeu no meu caminho^g! O meu rosto seduziu-o para sua destruição, mas não cheguei a cometer pecado algum comigo, para minha desonra e vergonha».

¹⁷Todo o povo ficou extasiado e, prostrando-se, todos^h adoraram a Deus e disseram a uma só voz: «Bendito és tu, nosso Deus, que no dia de hoje aniquilaste os inimigos do teu povo». ¹⁸E Uzias, por sua vez, disse-lhe: «Bendita és tu, filha, pelo Deus Altíssimo, mais do que todas as mulheres que há na terraⁱ. E bendito é o Senhor Deus, que criou os céus e a terra e te conduziu para cortares a cabeça do chefe dos nossos inimigos. ¹⁹A tua esperança nunca abandonará o coração dos homens, ao recordarem para sempre o poder de Deus. ²⁰Deus faça com que sejas para sempre exaltada e te visite com os seus bens^j, pois não poupaste a tua vida pela causa da nossa gente humilhada^k; mas procedeste de forma a evitar a nossa ruína^l, agindo com retidão diante do nosso Deus». E todo o povo respondeu: «Assim seja! Assim seja!».

14 Judite organiza o ataque ao exército assírio

¹Judite disse-lhes, então: «Ouvi-me, irmãos. Tomai esta cabeça e pendurai-a no parapeito da vossa muralha. ²Mal desponte a aurora e o sol surja sobre a terra,

^a Com este grito, Judite confirma a tese do livro: Deus não abandona o povo que lhe é fiel e castiga os que blasfemam.

^b Lit.: [para] fazer ainda força.

^c O grego antepõe: e aconteceu que.

^d O grego acrescenta *deles*.

^e Lit.: *dela*.

^f Cf. 9,10 nota.

^g O grego acrescenta *em que estive*.

^h *Todos* é acresceto da tradução.

ⁱ As palavras de Uzias ecoam a bênção de Melquisédec a Abraão quando este regressou vitorioso (Gn 14,19). Judite é assim comparada ao Abraão vencedor e Uzias assume momentaneamente o papel de rei-sacerdote (cf. igualmente 1Sm 25,32s).

^j Lit.: *que Deus te faça estas coisas para exaltação eterna [para] visitar-te em coisas boas*.

^k Lit.: *por causa da humilhação da nossa gente*.

^l Lit.: *marchaste contra a nossa queda*.

cada um de vós^m pegará nas suas armas e todo o homem capaz sairá para fora da cidade. Dar-lhes-eis um chefe, como se fossem descer para a planície para atacar a guarda avançada dos assírios, mas não chegareis a descer.³ Eles, entretanto, pegarão nas suas armas, acorrerão ao acampamento e acordarão os chefes do exército assírio. Depois irão a correr em conjunto até à tenda de Holofernes, mas não o encontrarão. Então, o medo tomará conta delesⁿ, e fugirão de vós^o.⁴ Vós e todos os que habitam em toda a região de Israel haveis de os perseguir e abater enquanto fogem^p.⁵ Mas, antes de fazer isto, chamai-me Aquior, o amonita, para que veja e reconheça aquele que desprezou a casa de Israel e que o enviou a nós como alguém destinado a morrer^q».

⁶ Chamaram, então, Aquior da casa de Uzias. Quando ele veio e viu a cabeça de Holofernes na mão de um homem, na assembleia do povo, caiu com o rosto por terra, sem conseguir respirar^r.⁷ Quando o levantaram, atirou-se aos pés de Judite e, prostrado diante dela, disse: «Bendita és tu em todas as tendas de Judá e em todas as nações: todos quantos ouvirem o teu nome ficarão perturbados.⁸ Agora conta-me tudo o que fizeste nestes dias». Judite contou-lhe, no meio do povo, tudo o que tinha feito desde o dia em que saíra até ao momento em que lhes falava.⁹ Quando acabou de falar, o povo irrompeu num grande clamor e encheu a cidade de vozes festivas^s.¹⁰ Ao ver tudo o que o Deus de Israel tinha feito, Aquior acreditou firmemente^t em Deus e fez circuncidar a carne do seu prepúcio e foi agregado à casa de Israel^u até este dia.

¹¹ Quando despontou a aurora, penduraram a cabeça de Holofernes na muralha. Cada homem pegou nas suas armas, e saíram, divididos em batalhões, pelas encostas da montanha.¹² Quando os assírios os viram, mandaram mensageiros^v aos seus chefes, e estes foram dizê-lo aos seus comandantes e oficiais e a todos os chefes.¹³ Foram, então, à tenda e disseram ao seu superintendente^w: «Acorda o nosso senhor, porque os escravos ousaram descer contra nós para nos combaterem. Parece que querem ser completamente aniquilados^x!». ¹⁴ Bagoas entrou e fez barulho com as cortinas da tenda^y, visto que o imaginava a dormir com Judite.¹⁵ Como ninguém respondeu, abriu

^m De vós é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: medo cairá em cima deles.

^o Lit.: da vossa face.

^p Lit.: nos caminhos deles.

^q Lit.: como para morte.

^r Lit.: e o seu espírito/sopro foi solto.

^s Lit.: clamou com grande voz e deu voz alegre na cidade deles.

^t Lit.: muito.

^u Apesar do carácter parcialmente nacionalista e proselitista do v., manifesta-se uma abertura aos povos estrangeiros que não são excluídos da adoração do único Deus vivo e verdadeiro, ao contrário do que aponta Dt 23,4. Neste sentido, insere-se na linha universalista de Is 2,2; Js 6,25; 2Rs 5; Jn e Rt.

^v Mensageiros é acrescento da tradução, assim como dizê-lo no seguimento da frase.

^w Lit.: ao que estava sobre todas as coisas dele.

^x Lit.: para serem exterminados para fim.

^y Lit.: bateu a cortina da tenda. O narrador sugere provavelmente a existência de uma divisória sólida entre a zona de dormir de Holofernes e o restante espaço da tenda.

as cortinas^a e entrou no quarto. Encontrou-o estendido perto da entrada, morto e sem cabeça^b.¹⁶Bradou com voz forte, com choro e gemidos, num grito estridente, e rasgou as suas vestes.¹⁷Entrou, então, na tenda que Judite tinha ocupado e não a encontrou. Foi a correr ter com as tropas^c e gritou: ¹⁸«Os escravos revoltaram-se! Uma só mulher dos hebreus envergonhou a casa do rei Nabucodonosor! Eis que Holofernes está caído por terra e sem cabeça^d!».

¹⁹Quando os chefes do exército assírio ouviram estas palavras, rasgaram as suas túnicas e o seu espírito ficou muito perturbado. O seu clamor e os seus gritos fortíssimos ressoaram por todo o acampamento^e.

15 Fuga e derrota dos assírios

¹Quando aqueles que estavam nas tendas ouviram isto, ficaram espantados com o que acontecera. ²Caiu sobre eles o tremor e o medo, e nem um só homem permaneceu junto do seu companheiro: todos eles debandaram em massa e fugiram por todos os caminhos da planície e das montanhas. ³Os que estavam acampados nas montanhas em redor de Betúlia também se puseram em fuga. Então os filhos de Israel – todos os soldados que existiam entre eles^f – precipitaram-se sobre eles. ⁴Uzias enviou mensageiros a Betomestaim, Bebai, Cobai e Cola, e a toda a região de Israel^g, a anunciar o que tinha acontecido e para que todos se precipitassem contra os inimigos até ao seu extermínio.

⁵Quando os filhos de Israel ouviram isto, caíram em massa sobre eles e foram-nos despedaçando até Cobá. Da mesma forma, acorreram também os habitantes^h de Jerusalém e de toda a região montanhosa, pois fora-lhes anunciado o que acontecera no acampamento dos seus inimigos. Também os que estavam em Guilead e na Galileia os flanquearam, causando-lhes um grande golpeⁱ, até chegarem a Damasco e à sua região^j.

⁶Os restantes habitantes de Betúlia caíram sobre o acampamento assírio, saquearam-no e tornaram-se muito ricos. ⁷Ao regressarem da chacina, os filhos de Israel

^a Lit.: *separou*.

^b Lit.: *encontrou-o sobre a soleira estendido morto e a sua cabeça tinha sido removida dele*.

^c Lit.: *o povo*.

^d Lit.: *e cabeça não há sobre ele*.

^e Lit.: *[e surgiu] grande grito muito no meio do acampamento*.

^f Lit.: *todo o homem guerreiro deles*.

^g As cidades aqui citadas são de localização incerta e ocorrem apenas aqui; alguns mss. não apresentam *Bebai*. A citação destes nomes serve provavelmente para alargar o horizonte narrativo: a vitória final é de todo o povo e não apenas de Betúlia.

^h *Habitantes* é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *com grande golpe*.

^j A menção de Galileia e de Guilead (para esta localidade, cf. 1Mac 5,9 nota) inverte, de forma provavelmente deliberada, a situação descrita em 1Mac 5,9-54 e 2Mac 12,10-31: nas campanhas macabeias, os judeus dessas regiões eram as vítimas a salvar; aqui tornam-se agentes da vitória. O percurso da perseguição – de Cobá (Hoba na grafia hebraica) até Damasco – ecoa em Gn 14,15, onde Abraão persegue os raptadores de Lot.

tornaram-se senhores do resto. Também os habitantes^k das povoações e lugarejos das montanhas e da planície se apoderaram de muitos despojos, pois a sua quantidade era, de facto, enorme.

Reconhecimento de Judite (15,8–16,17)

⁸O sumo sacerdote^l Joaquim e o conselho dos anciãos dos filhos de Israel que habitavam em Jerusalém foram a Betúlia^m, para observar as maravilhas que o Senhor realizara em favor de Israel e para verem e saudarem Juditeⁿ. ⁹Quando entraram onde ela estava, todos a bendisseram numa só voz, dizendo: «Tu és a glória de Jerusalém! Tu és a suprema alegria de Israel! Tu és o grande orgulho da nossa gente!¹⁰ Ao fazeres tudo isto pela tua mão, realizaste coisas maravilhosas por Israel, que agradaram a Deus. Sejas para sempre^o bendita pelo Senhor Onnipotente». E todo o povo disse: «Assim seja!». ¹¹Durante trinta dias, todo o povo saqueou o acampamento. Deram a Judite a tenda de Holofernes e toda a sua baixela de prata, assim como os leitos, os recipientes e todos os seus móveis. Ela tomou tudo^p, carregou a sua mula, atrelou os carros^q e empilhou tudo^r neles. ¹²Todas as mulheres de Israel correram para vê-la; bendisseram-na e algumas delas fizeram danças em sua honra^s. Ela tomou nas mãos varas cobertas de folhagem e entregou-as às mulheres que estavam com ela^t. ¹³Então, ela própria e as mulheres que estavam com ela coroaram-se com ramos de oliveira. Depois, pôs-se à frente de todo o povo e conduziu todas as mulheres na dança, enquanto todos os homens de Israel, armados e coroados, as seguiam, cantando hinos^u.

Hino de louvor de Judite

¹⁴Então, Judite entoou^v este cântico de agradecimento^w no meio de todo o Israel, e todo o povo cantava com voz forte este louvor.

^k *Os habitantes de* é acrescento da tradução.

^l Lit.: *grande sacerdote* (cf. 1Mac 12,20 nota).

^m *A Betúlia* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *e falarem paz com ela*. Trata-se de um hebraísmo usado normalmente na saudação.

^o Lit.: *para o século tempo*.

^p *Tudo* é acrescento da tradução.

^q O grego acrescenta *dela*.

^r Lit.: *estas coisas*.

^s Lit.: *e fizeram-lhe coro a partir delas*. A palavra *coro*, em grego, sugere tanto música cantada como dança.

^t Lit.: *tirso*. O tirso designa habitualmente o bastão dionisíaco, ornado de hera e rematado com uma pinha. A cena das mulheres dançantes com tirso e uma cabeça decapitada evoca inevitavelmente as *Bacantes* de Eurípides; contudo, ao contrário do cortejo dionisíaco, onde as mulheres se afastavam dos homens, aqui eles estão presentes, e as coroas são de oliveira, e não de hera. Os tirso de Judite provavelmente representam os ramos usados na Festa das Tendras (cf. Lv 23,40), igualmente usados nas procissões triunfais de 1Mac 13,51 e 2Mac 10,7 (cf. nota).

^u O grego acrescenta *em boca deles*.

^v Lit.: *começou*.

^w O cântico de agradecimento de Judite insere-se na tradição dos grandes cânticos de vitória bíblicos, sendo modelado em particular sobre o Ex 15,1–18 e o Jz 5. Os três poemas partilham a estrutura e o

- 16**¹ Disse Judite:
 «Entoai um cântico ao meu Deus com tamborins^a,
 cantai ao Senhor com címbalos,
 entoai-lhe salmos e hinos,
 exaltai e invocai o seu nome.
- ² Porque o Senhor é o Deus que esmaga as guerras^b:
 estabeleceu o seu acampamento no meio do povo,
 salvou-me das mãos daqueles que me perseguiram^c.
- ³ A Assíria veio das montanhas do Norte,
 veio com as miríades do seu exército;
 era uma multidão^d que obstruía as torrentes,
 e a sua cavalaria cobria as colinas.
- ⁴ Disse que incendiaria o meu território,
 que mataria os meus jovens com a espada,
 que arrojaria ao chão os meus lactantes,
 que entregaria as minhas crianças como despojos de guerra
 e que as minhas virgens fariam parte do saque^e.
- ⁵ Mas o Senhor Omnipotente
 repeliu-os pela mão de uma mulher^f.
- ⁶ Com efeito, o seu poderoso chefe^g não foi derrubado por jovens;
 não foram filhos de Titãs^h a feri-lo
 nem altos gigantes a vencê-lo,
 mas sim Judite, filha de Merari,
 que o derrotou com a beleza do seu rosto.
- ⁷ Despojou-se das suas vestes de viúvaⁱ
 para exaltação dos oprimidos em Israel,
 ungiu o seu rosto com perfume,
- ⁸ prendeu os seus cabelos com um diadema
 e pôs um vestido de linho para o seduzir.
- ⁹ As suas sandálias prenderam-lhe o olhar,

conteúdo: intenção de louvar a Deus, menção da ameaça inimiga e da sua cavalaria, descrição da derrota do adversário, escárnio dos planos do inimigo e alusão às forças da natureza desencadeadas por Deus.

^a Lit.: *começai ao meu Deus em tímpanos/tamborins*.

^b Citação praticamente literal de Ex 15,3 (LXX).

^c Lit.: *para seus acampamentos no meio de povo / salvou-me da mão dos que me perseguiram*. O texto é de difícil interpretação e está provavelmente corrupto. Segue-se a interpretação da NVg.

^d O grego acrescenta *deles*.

^e Lit.: *e que saquearia as minhas virgens*.

^f Cf. 9,10 nota.

^g Lit.: *o seu poderoso*.

^h Referência à mitologia grega; os Titãs são as divindades primordiais vencidas por Zeus. Nos LXX, o termo provavelmente refere-se aos gigantes bíblicos. Os Titãs e gigantes (cf. Br 3,26 nota) funcionam aqui como adversários hiperbólicos que Judite supera, conferindo ao seu feito uma dimensão mítica.

ⁱ Lit.: *da sua viuvez*.

a sua beleza aprisionou a sua alma,
e o sabre^j atravessou-lhe o pescoço.

¹⁰Os persas tremeram por causa da sua ousadia
e os da Média^k ficaram perturbados com a sua coragem.

¹¹Então, os meus humildes soltaram um grito de guerra,
e eles ficaram com medo; os meus débeis gritaram^l,
e eles ficaram aterrorizados, ergueram a sua voz e eles recuaram.

¹²Apunhalaram-nos os filhos de jovens mulheres,
feriram-nos como se fossem descendentes de desertores,
e eles pereceram diante das fileiras do meu Senhor.

¹³Cantarei ao meu Deus um cântico novo:
Senhor, Tu és grande e glorioso,
admirável na tua força e invencível.

¹⁴Que toda a tua criação te sirva,
porque, à tua palavra, todas as coisas começaram a existir^m.
Enviaste o teu Espírito e tudo formasteⁿ;
e não há quem possa oferecer resistência à tua voz.

¹⁵As montanhas serão sacudidas desde a base, juntamente com as águas,
e os rochedos fundirão como cera na tua presença,
mas, àqueles que te temem,
Tu serás sempre propício.

¹⁶Pois todo o sacrifício de suave perfume é insignificante
e menos ainda toda a gordura que te é oferecida em holocausto,
mas aquele que teme o Senhor será sempre grande.

¹⁷Ai das nações que se levantarem contra a minha gente!
O Senhor Onnipotente vingar-se-á deles no dia do juízo;
enviará fogo e vermes sobre as suas carnes
e hão de gemer num tormento eterno».

Velhice e morte de Judite

¹⁸Quando chegaram a Jerusalém, adoraram a Deus e, depois de o povo se ter purificado, ofereceram os seus holocaustos, as suas ofertas espontâneas e os seus dons.

¹⁹Judite dedicou a Deus como voto todos os utensílios de Holofernes que o povo

^j Sobre este instrumento, cf. 13,6 nota.

^k A menção de medos e persas no contexto de uma vitória sobre o exército assírio de Nabucodonosor é naturalmente anacrónica, mas ecoa em diferentes passagens do AT em que várias nações tremem diante de Israel (cf. Ex 15,14s; Dt 2,25; Js 2,9).

^l A edição de Rahlfs apresenta *ficaram amedrontados*; a tradução segue a lição de alguns mss. e a NVg, que parece fazer mais sentido no contexto. Toda a frase, aliás, é de difícil interpretação, pois no grego nem sempre é claro qual o sujeito dos vários verbos do v. (se os judeus, se os inimigos).

^m Lit.: *porque disseste e tornaram-se*.

ⁿ Lit.: *e edificaste*.

lhe tinha dado, assim como as cortinas que ela própria tinha retirado do quarto dele. ²⁰O povo continuou os festejos em Jerusalém, diante do templo, por três meses, e Judite permaneceu com eles.

²¹Depois desses dias, cada um regressou à sua terra^a e Judite partiu para Betúlia e permaneceu na sua propriedade. Durante a sua vida^b tornou-se famosa em toda a terra. ²²Muitos a pretenderam, mas nenhum homem a conheceu durante toda a sua vida^c, desde o dia em que Manassés, seu marido, morreu e se juntou ao seu povo. ²³Ela foi avançando bastante na idade, envelhecendo em casa do seu marido até aos cento e cinco anos. Concedeu a liberdade à sua serva antes de falecer^d na Betúlia, e enterraram-na na gruta do seu marido, Manassés. ²⁴A casa de Israel fez luto por ela durante sete dias. Antes de morrer, distribuiu os seus bens por todos os parentes do seu marido Manassés e pelos seus próprios parentes^e. ²⁵Mais ninguém voltou a aterrorizar os filhos de Israel durante a vida de Judite, nem durante muito tempo depois da sua morte.

^a Lit.: *sua herança*.

^b Lit.: *segundo o tempo dela*.

^c Lit.: *todos os dias da sua vida*.

^d Lit.: *e faleceu*.

^e Lit.: *por todos os mais próximos de Manassés, seu marido, e pelos mais próximos da sua gente*.